

U1. SP
A/2 J

15 FEV 2007

Porto Alegre/RS/Brasil
Ano VI Número 73
Outubro/Novembro 2004

Jornal da UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL



Impresso Especial
1692-2003-DR/RS
UFRGS
CORREIOS

IMPRESSO

Pós-graduação da UFRGS é a primeira no Sul

Este é o resultado da avaliação trienal do MEC e da Capes. Aqui está também a média mais alta entre as federais que atuam em diversas áreas do conhecimento no país

PÁGINA 3

Bolsistas premiadas como Destaque do Ano no CNPq

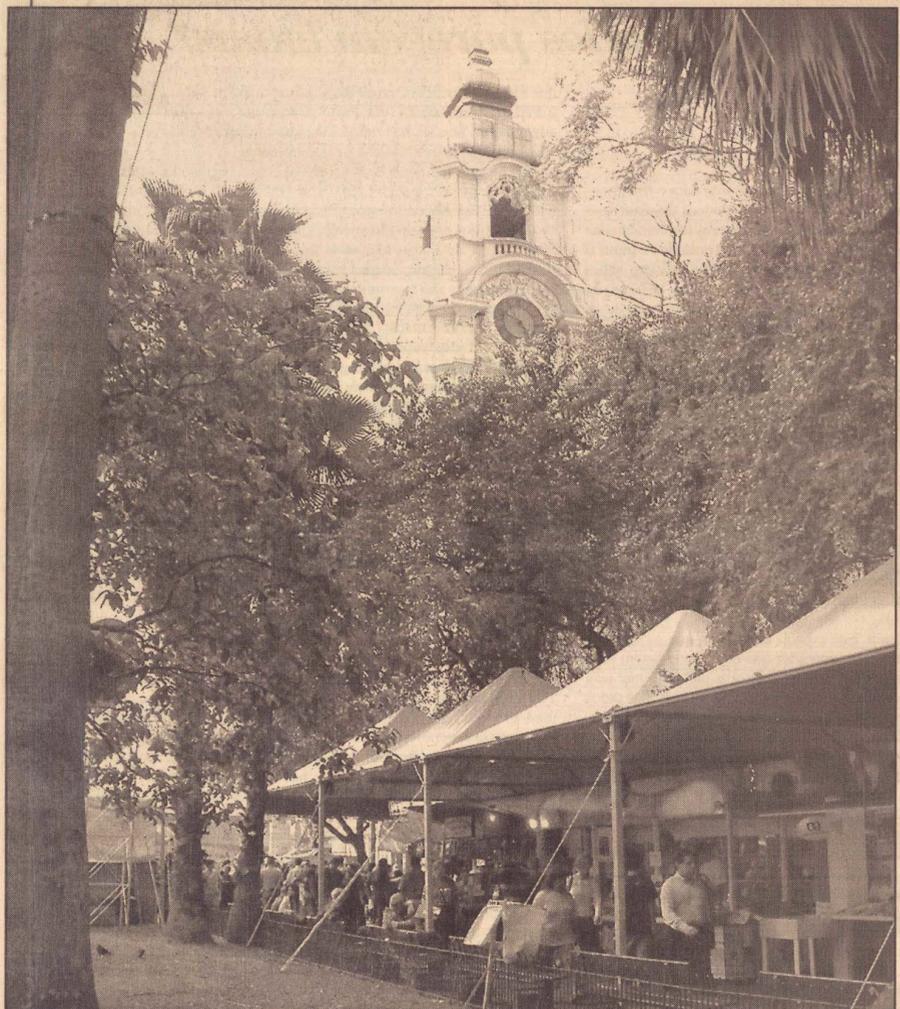
RICARDO DE ANDRADE



Luciane Caetano (Engenharia Civil) e Cristiane Matté (Farmácia)

PÁGINA 4

GIL CAFRUNE GOSCH



Os 50 anos da Feira do Livro

Editora da Universidade lança 40 títulos durante o evento

PÁGINA 11

Pesquisas em nanotecnologia têm projetos aprovados e recebem verbas

RENATA RASSIN

Em uma concorrência nacional, três professores da UFRGS foram distinguidos por editais do CNPq com valores de 300 a 450 mil reais



PÁGINA 5

Engenheira de Alimentos vence o XX Prêmio Jovem Cientista

DIVULGAÇÃO



Florencia Caldera Olivera fez pesquisa inédita com peixe da Amazônia para salvar desperdício na produção. Ela é doutoranda da UFRGS

PÁGINA 4

RENI JARDIM



Donald Schuler:
"Pensar o Brasil filosoficamente ainda é uma tarefa nossa"

PÁGINAS 6 e 7

Quem é quem na nova Administração Central

PÁGINA 8

15 FEV 2007

ESPAÇO DA REITORIA

Compromisso com a Universidade

• JOSÉ CARLOS FERRAZ HENNEMANN

Reitor

O início de uma nova gestão é sempre um recomeço. Novas expectativas, anseios que se reforçam, esperanças que renascem. Em uma instituição como a UFRGS, que ora completa setenta anos como Universidade, o peso da história soma-se a esse olhar para o futuro e aumenta a responsabilidade de seus dirigentes.

Ao iniciarmos essa nova etapa, reafirmamos nossos propósitos maiores, acolhidos amplamente pela comunidade universitária e que servirão como princípios norteadores de todas nossas ações. São eles: a busca permanente da excelência acadêmica e a defesa da universidade pública, gratuita e autônoma. Ambos estão interligados em um mesmo projeto, o qual entende a educação, o conhecimento e a cultura como valores permanentes, e que cabe à Universidade preservá-los e difundir-los, unindo sua sempre instigante força de criação com sua capacidade de preservar a memória e as conquistas da humanidade.

Temos consciência dos desafios a serem enfrentados. A busca permanente da excelência acadêmica não é algo abstrato, pois se materializa em nossa luta diária por contratação de novos professores e técnicos-administrativos, por maior número de salas de aula e mais adequadas, bibliotecas sempre atualizadas, laboratórios modernos e com boa manutenção. Exige mais vagas e novos concursos para podermos atender a demanda crescente por nossos cursos de graduação e pós-graduação, além da construção permanente de melhor ambiente de estudo e de trabalho, nos quatro campi universitários e em nossas casas de estudante, o que envolve mais segurança, saúde e agilização dos processos de trabalho. A diversidade de frentes que exige concentração de esforços é inerente à própria grandiosidade da instituição e não pode nos deixar perder de vista que o corpo docente constitui sua mais nobre razão de ser, que sua riqueza e sua capacidade de renovação vêm justamente de receber milhares de jovens a cada ano – firmando um elo sólido e indissociável com a sociedade que a mantém e dela muito espera.

Por isso a defesa da universidade pública e gratuita não é também mera palavra de ordem, pois diz respeito ao próprio modelo de instituição que defendemos, assentada na interação entre ensino, pesquisa e extensão e responsável não só pela difusão e democratização do conhecimento humano, mas pela criação científica, tecnológica, artística e cultural. Nessa direção, nossa primeira iniciativa

– já no momento da posse – foi criar a Pró-reitoria de Coordenação Acadêmica, a qual terá como incumbência coordenar as atividades-fins da Universidade, integrando-as e racionalizando esforços, contribuindo para que a graduação, a pós-graduação, a pesquisa e a extensão possam cada vez mais crescer associadamente, cada qual com sua missão específica, mas cada uma alimentando-se das conquistas das outras, num processo de contínuo aperfeiçoamento.

Sabemos das dificuldades que temos para a implementação de nosso projeto, como de escassez de recursos – humanos, materiais e financeiros. Soma-se a isto o fato de termos diante de nós propostas de reformas de vulto, algumas das quais, mesmo que formuladas de forma ainda embrionária, caso concretizadas poderão alterar profundamente a Universidade. É nosso compromisso propiciar o mais amplo debate junto à comunidade universitária, de modo que tenhamos clareza das implicações, dos recursos necessários e das alterações institucionais que advirão da implementação destas reformas de vulto. Sendo das únicas instituições capazes de exercer a crítica a si mesma, a Universidade deve estar aberta a mudanças e à renovação, bem como capaz de escolher qual o melhor caminho a trilhar.

Por norma estatutária, dentro de seis meses devemos enviar ao Conselho Universitário nosso Plano de Gestão. Conclamamos a comunidade universitária para colaborar com sugestões, críticas e propostas, de modo que juntos possamos construir e aperfeiçoar a implantação de nosso projeto acadêmico.

Juntamente com o vice-reitor conosco eleito, professor Pedro Cezar Dutra Fonseca, assumimos com nova equipe, marcada pela renovação, com muita disposição ao trabalho e comprometida com nosso programa. Ao final do ano, somar-se-ão a nós novos diretores que estão sendo eleitos em diversas de nossas unidades universitárias, os quais, ao lado de outros que permanecerão, terão a responsabilidade de compartilhada de formar o corpo dirigente da instituição.

Relembramos que temos como nosso dever estar sempre à disposição da comunidade universitária e esperamos que todos, vigilantes e responsabilmente, colaborem para que façamos jus à grandeza e à história de nossa UFRGS. Afinal, esse é o nosso compromisso maior: o Compromisso com a Universidade.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, Porto Alegre/RS
CEP 90.046-900

Fone: + 51 3316-7000

Fax: + 51 3316-3176

homepage internet: www.ufrgs.br

ADMINISTRAÇÃO

Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-reitor

Pedro Cezar Dutra Fonseca

Pró-reitor de Coordenação Acadêmica

Pedro Cezar Dutra Fonseca

Pró-reitor de Graduação

Carlos Alexandre Netto

Pró-reitor de Pesquisa

Cesar Augusto Zen Vasconcellos

Pró-reitor de Pós-graduação

Valquíria Link Bassani

Pró-reitor de Extensão

Antônio Carlos Guimarães

Pró-reitor de Planejamento

e Administração

Maria Aparecida Grendene de Souza

Pró-reitora de Recursos Humanos

Maria Adélia Pinhal de Carlos

Superintendente de Infra-estrutura

Darci Barnech Campani

Secretário de Assuntos Estudantis

Angelo Ronaldo Pereira da Silva

Secretária de Avaliação Institucional

Ana Maria Braga

Secretária de Comunicação Social

Sandra de Deus

Secretário de Educação a Distância

Julio Alberto Nitzke

Secretária de Desenvolvimento

Tecnológico

Maria Alice Lahorgue

Secretário de Patrimônio Histórico

Christoph Bernasiuk

Secretário de Relações Institucionais e

Internacionais

Paulo Gilberto Fagundes Visentini

Apoio - Agência Universidade Federal do Banco do Brasil

Jornal da
UniversidadePublicação da Secretaria
de Comunicação Social da UFRGSConselho Editorial - Aron Taitelbaun,
Eduardo Corsetti, Enno Liedke e Maria da
Graça Bulhões

REDAÇÃO

Av. Paulo Gama, 110 - 8º andar
Fone/fax: (051) 3316-3368/3316-3176
e-mail: jornal@ufrgs.br
homepage: <http://www.ufrgs.br/jornal>

Editor-chefe - Clóvis Ott

Editora executiva - Ida Stigger

Editores assistentes - Ademar Vargas de
Freitas e Juarez FonsecaRedação - Carla Felten e Jacira Cabral da
SilveiraProjeto gráfico e editoração eletrônica
Anibal Bendati

Homepage - Marcelo da Silveira

Fotografia - Luiz Ricardo de Andrade e
Reni Jardim

Revisão - Israel Pedrosa

Colaboraram nesta edição - André
Marengo, Ania Chala, Christa Berger, Luís
Augusto Fischer, os bolsistas Caroline da
Silva e Bruno Almeida Ziliotto

Circulação - DSB Distribuidora Ltda

Apoio de produção - Rita Silveira

Serv. gerais - Antônio Carlos dos Santos

Fotolitos e impressão - Companhia Rio-
grandense de Artes Gráficas (Corag)

Memória e Jornalismo

•CHRISTA BERGER

Professora da Pós-graduação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS e Jornalista

Porque este está sendo um ano de muitas comemorações e estas são anunciadas e veiculadas nos meios de comunicação, e porque a questão da memória e do testemunho atravessa as diferentes disciplinas, interessa observar com nosso passado vem sendo noticiado.

Na iconografia do Renascimento a memória é representada por uma mulher de dois rostos, um, voltado ao passado e o outro ao presente. Em uma mão a mulher leva um livro, de onde busca informações do passado e na outra um lápis para escrever sobre o presente. Todorov evoca esta imagem renascentista para afirmar que o trabalho de memória se submete a duas exigências: fidelidade para com o passado e utilidade no presente.

Na mediação do tempo há sempre um narrador. O primeiro é o sujeito que testemunha o que viveu e viu; o segundo é o historiador que estuda e pesquisa para contar o que aconteceu e o terceiro é o comemorador, aquele que propõe a celebração do passado. As testemunhas e historiadores a função da utilidade é de lembrar para não repetir o ocorrido, lembrar para não esquecer, lembrar para ensinar. É isto que o movimento testemunhal da Shoah e do Terceiro Reich, iniciando a cultura da memória de hoje estamos imbricados, faz quando conta, narra e mostra o horror que não pode calar.

O comemorador é um tipo mais recente, fenômeno da Cultura de Massa que pode ser observado na monumentalização e museologização do passado. A transformação dos campos de concentração e de extermínio nazistas em locais de visitação é um bom exemplo das formas de acesso ao passado que são oferecidas pela sociedade de consumo. A utilidade do terceiro narrador vem sendo problematizada por diversos autores.

Falta na tipologia oferecida por Todorov um lugar para os jornalistas pois também eles são narradores que trazem o passado ao presente. Talvez eles possam ser incluídos entre os comemoradores, cumprindo o papel de função semelhante a dos monumentos e museus, porque registra e celebra fatos e pessoas.

Acho que nos cabe como estudiosos da comunicação problematizar este lugar (o jornal) e estes narradores (os jornalistas) que expõem o passado em texto e imagem.

A pergunta é: em que contexto e qual a razão do passado retornar ao presente do jornalismo? O trabalho de memória de testemunhas e historiadores tem estatuto pedagógico, sua utilidade é a de esclarecimento do passado. Será que o jornalismo alcança corresponder às exigências de fidelidade com o passado e de utilidade no presente?

Quando o passado é narrado como atualidade, nesta reapresentação há uma representação do já acontecido. O jornalismo não transporta a memória histórica e coletiva de maneira inocente mas a condiciona e acomoda na sua própria estrutura e forma. É através da cobertura das celebrações dos nascimentos, das mortes, dos começos e dos fins dos eventos marcantes da história que a imprensa ingressa no passado, transformando a lembrança, a comemoração e a reparação em notícia. O sobrevivente que testemunha o que viveu, assim como o historiador que investiga o passado são fontes da notícia.

No Brasil, junto com a literatura de testemunho, o documentário de tevê e a grande reportagem são os principais responsáveis pelo registro da nossa história recente. O ano de 64 foi lembrado editorialmente em 2004 e todos os grandes jornais e as redes de tevê comemoraram com edições especiais os 40 anos do golpe. Ele foi explicado e justificado. A ênfase recaiu em duas constatações: em 64 o país estava uma baderna e havia grande desilusão com o governo Jango. Por outro não havia clareza sobre o que eram as reformas de base

Por que os partidos parecem iguais?

•ANDRÉ MARENGO

Professor do Programa de
Pós-Graduação em Ciência Política
UFRGS

O voto representa o mecanismo mais importante para o funcionamento das democracias. Com ele, eleitores podem sinalizar suas preferências sobre o gasto público e as políticas a serem implementadas pelos governantes. Podem monitorar as ações das autoridades e punir o não cumprimento de suas promessas. O problema consiste em saber como os eleitores podem antecipar o que cada candidato fará, ao longo de seu mandato, uma vez tendo sido eleito. Em outras palavras, quais os parâmetros a serem utilizados para diferenciar as propostas de cada candidato, permitindo um uso eficaz do voto?

Nas democracias mais longevas, ideologias partidárias representam durante grande parte do século XX esta referência. Rótulos como esquerda, direita, social-democrata, trabalhista, conservador, democrata-cristão, socialista, gaullista representaram uma economia no custo da informação para o eleitor, à medida que escolhendo uma destas etiquetas, o cidadão poderia prever, com razoável dose de segurança, o que cada partido faria – e sobretudo o que não faria – quando estivesse no governo.

Há um mal-estar no Brasil que parece ter-se acentuado nos últimos anos, que se traduz nas afirmações recorrentes que os partidos são todos iguais, fazem, quando estão no governo, políticas semelhantes, promovem alianças cada vez mais inconsistentes de um ponto de vista ideológico. O resultado seria uma dificuldade crescente para estabelecer as diferenças reais entre cada legenda.

Mais do que fazer coro com este espécie de mantra que os partidos são todos iguais, vale a pena tentar entender que elementos fazem com que isto ocorra. Duas hipóteses parecem promissoras para explicar esta situação: (1) as margens de liberdade para a execução de políticas pelos governantes e (2) constrangimentos institucionais definidos pela estrutura de governo e regras eleitorais.

Partidos adquirem confiança perante os olhos dos eleitores quando, chegando ao governo, executam as políticas pelas quais foram escolhidos pelos eleitores. O problema consiste em saber se a vontade política (ou sua ausência) representa o único fator relevante para a decisão de políticas governamentais. A resposta, certamente, é negativa. Esquerda pode ser associada ao crescimento da atuação do Estado na economia, a investimentos sociais e políticas de transferência de renda, no outro extremo do espectro ideológico, dever-se-ia encontrar preferência por políticas de desregulamentação de mercados. Isto significa que partidos à esquerda ou à direita podem, simplesmente, executar suas políticas, quando chegam ao governo? Não. Quando examinamos dados sobre a evolução da relação dívida pública/PIB (de 14%, em 1994 a cerca de 55%, hoje), captamos, com nitidez os escassos graus de liberdade para a execução de políticas de esquerda: a necessidade de políticas ortodoxas de juros, câmbio e gastos para manter fluxos de capital para assegurar o pagamento do serviço desta dívida. Por outro lado, quando observamos dados sobre desigualdade social no Brasil, percebemos que nem um partido mais conservador poderá abdicar de algum tipo de política social, mesmo que esta possua contornos meramente assistencialistas. O resumo disto tudo é que nem a esquerda pode fazer um governo de esquerda, nem a direita, um governo puramente de direita, o que contribui para confundir e torná-los semelhantes, aos olhos do eleitor. A curto prazo, seus governos poderão parecer muito semelhantes, mas a longo prazo, suas políticas serão, efetivamente, diferentes.

A estrutura política brasileira também contribui para dificultar a constituição de diferenças claras entre os partidos. Em primeiro lugar, não devemos esquecer que o Brasil é uma Federação. Disto decorre que os eleitores devem escolher partidos para governar em 3 níveis administrativos: União, Estados e municípios. A diversidade territorial provoca diferenças políticas e culturais importantes em cada um dos 27 colégios estaduais ou nos mais de 5 mil municípios brasileiros. Por exemplo, a força do *carlismo* na Bahia faz com que partidos como o PT e o PDT –

e Jango não estava preparado para assumir o poder. O papel da imprensa foi mencionado por donos de jornal e jornalistas. Rui Mesquita entrevistado no *Roda Viva* declarou o que o caderno especial do Estadão já publicara. “Em circunstâncias iguais eu faria hoje o mesmo. Nós fomos convidados pelos militares e aceitamos participar da revolução.” No Correio do Povo foi reproduzida uma afirmação de seu antigo proprietário já falecido. “A posição do Correio foi favorável diante dos acontecimentos de 64. Cooperamos para sua eclosão. Aqui havia um foco dinâmico da esquerda manobrado pelo Brizola. Nós estávamos contra a situação que ele representava. Desta maneira, a revolução de 64 foi para nós bem-vinda, desejada e saudada.” Quase todos os jornais, aos 40 anos, trocaram o termo revolução empregado em 64 pela expressão golpe, mas, alguns, como o Correio do Povo mantiveram a denominação original.

A televisão está disponibilizando todos seus recursos, tão apreciados em nosso tempo, para contar nossa história. O anúncio no jornal de um documentário sobre Getúlio Vargas, diz: da história para a tevê. O documentário recupera cenas da época que se misturam com atores representando os principais personagens. Daqui por diante a Era Vargas se confundirá com o documentário Getúlio. Inclusive, nos próximos aniversários, este documentário será a referência para novas edições. E, assim, a memória que estamos guardando, ou perdendo de nós mesmos, está sendo mediada pela tevê.

Eugenio Bucci examinando documentários e programas de recapitulação histórica exibidos na Rede Globo observa que assim como a emissora “no passado falsificava o presente, agora no presente procura modificar a memória que guardamos do passado.”

O que a Globo omitia na época do seu noticiário agora ela traz em seus documentários históricos incluindo-se, por exemplo, no movimento que está a lembrar os horrores da ditadura. A violência do regime militar que nenhum brasileiro viu no jornalismo da tevê quando ela acontecia, está ali na História reciclada com imagens de época como se fossem do arquivo de seus noticiários. Há algum tempo a ditadura militar se tornou tema da emissora e assim ela vai sendo naturalizada e assimilada. O primeiro capítulo da novela Senhora do Destino se passa no dia da promulgação do Ato Institucional n 5, e, além dos embates entre estudantes e polícia, um jornal é fechado, sua proprietária foge para o exílio e jornalistas são presos. Para a seqüência da novela, resta, deste dia, uma filha desaparecida e um grande amor. Os horrores da ditadura estão sendo registrados em tons sentimentais e melodramáticos e estamos quase esquecendo que a Globo foi a força ideológica que sustentou a ditadura. Logo esqueceremos, também, que a Globo boicotou a campanha das Diretas, editou para o Jornal Nacional o debate entre Collor e Lula favorecendo o primeiro, fez campanha contra as greves do ABC nos anos 70.

A narrativa histórica é reivindicada pela sua utilidade esclarecedora e emancipadora, mas a memória espetacularizada e interessada da cultura de massa pode encontrar-se justamente na memória consumida e ocultada. Neste sentido, a política de memória reivindicada por intelectuais comprometidos com o futuro da humanidade não poderá, ao ser apropriada pela cultura de massa produzida por nosso sistema de comunicação – concentracionista e autoritário – transformar-se em política do esquecimento deliberado? Na cobertura do golpe, havia um aviso: “lembra 64, se as condições voltarem nós faremos tudo de novo.” E se a gente apóia, bem, vocês sabem como a história termina.

que são rivais no Rio Grande do Sul – unam-se em Salvador para derrotar o PFL; a força do PT em Porto Alegre faz com que PP e PMDB – adversários ferozes nos municípios do interior do Estado – ou PPS e PFL (inimigos em Fortaleza), estejam juntos.

Ao mesmo tempo, o Brasil convive com 4 regras eleitorais distintas, para Executivos e para o Legislativo. Presidente da República, Governadores Estaduais e Prefeitos de cidades com mais de 200 mil eleitores são escolhidos por maioria absoluta, isto é, se nenhum candidato alcança 50% mais 1 de votos, realiza-se um segundo turno com os dois mais votados; prefeitos de cidades menores são escolhidos por maioria simples; senadores são escolhidos por regra majoritária em distritos uni ou bi-nominais; por fim, deputados estaduais, federais e vereadores, são eleitos por representação proporcional. Cada uma destas regras produz diferentes efeitos sobre os partidos e suas estratégias eleitorais. Escolhas majoritárias reforçam os grandes partidos, enquanto o voto proporcional estimula a manifestação das pequenas legendas.

O resultado é que parece haver uma espécie de especialização partidária em cada um destes tipos de eleições: PT e PSDB são os partidos que efetivamente competem pela Presidência da República; ao mesmo tempo, PFL, PMDB e PTB possuem bancadas no Congresso Nacional que os tornam relevantes no processo decisório nacional. PT e PMDB são os partidos que efetivamente competem pelo Governo do Estado do RS; mas PP e PDT elegem bancadas importantes na Assembleia Legislativa. Pequenos partidos podem não contar na eleição de governos ou na negociação legislativa, mas são importantes para determinar a distribuição de tempo no horário eleitoral.

Desde 1940, apenas dois Presidentes da República – em ciclos democráticos – possuíram maiorias unipartidárias: Dutra, com os mais de 50% de cadeiras eleitas pelo PSD em 1946, e Sarney, com a efêmera maioria conquistada pelo PMDB, logo após o Plano Cruzado. O PT, que elegeu Lula com mais de 50% dos votos em 2002, obteve apenas 17% das cadeiras na Câmara dos Deputados. Como precisa de maiorias para aprovar seus projetos, precisa recorrer (como o fizeram todos os governos democráticos no Brasil) a grandes coalizões.

Um fenômeno que contribui para aumentar a confusão dos eleitores e gerar a imagem de que os partidos não são importantes é a migração, ou a troca de legendas dos políticos. Entre a eleição, em outubro de 2002, e setembro de 2004, 108 deputados (21,1% da Câmara) já haviam abandonado o partido pelo qual foram eleitos. Como a enorme maioria de parlamentares não é eleita com os seus próprios votos (sua votação não atinge o quociente eleitoral), mas sim com a soma dos votos da legenda e de outros candidatos do partido ou coalizão, ao trocar de partido, ele está desprezando os sufrágios em os quais efetivamente conquistou um mandato. Por outro lado o eleitor, ao votar em um candidato, não apenas o elege, como também atribui uma determinada cota de poder para cada partido. Ao mudar de legenda, o parlamentar viola a correspondência entre votos e bancadas partidárias. Por fim, ao apresentar-se a cada eleição por uma legenda diferente, torna mais difícil para o eleitor assimilar o significado de cada rótulo partidário, contribuindo para reforçar o lugar comum que “os partidos são todos iguais”.

Este quadro não deve servir para alimentar o pessimismo em relação à democracia brasileira. Ao contrário, ela tem mostrado sinais de avanços, na diminuição de votos brancos e nulos, no controle exercido sobre os governantes. Mesmo no que diz respeito a uma de suas patologias mais graves, a troca de legendas, existem sinais promissores. Quando desagregamos as informações sobre parlamentares que mudam de partido, observamos que a frequência de trocas é menor nos Estados em que o eleitorado é partidariamente mais estável. Em outras palavras, a probabilidade de um parlamentar abandonar o partido pelo qual foi eleito é menor, quanto menor seja a proporção de eleitores flutuantes em seu Estado, entre uma eleição e outra e, portanto, maior a probabilidade que os seus eleitores o punam por este comportamento.

Isto sugere que mais do que demonizar os políticos (muitos o merecem, efetivamente), cabe chamar os eleitores à sua responsabilidade. São eles que escolhem, conferem poder a políticos e partidos e os punem, ou omitem-se de punir, quando é o caso.

ENSINO

UFRGS entre as melhores universidades do país

O Ministério da Educação (MEC) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) divulgaram, neste mês, o resultado da avaliação trienal – 2001/2003 – dos programas de Pós-graduação de todo o Brasil. A UFRGS ocupa o primeiro lugar entre as instituições federais e particulares no Sul do país.

O mérito deve-se ao aumento considerável nas notas 5 e 6 e à diminuição das notas 3 e 4. Ao todo, 18 cursos apresentaram melhor desempenho em relação ao triênio anterior. A Universidade também obteve a média mais alta entre as grandes instituições federais que atuam em inúmeras áreas do conhecimento. Em número de programas que oferece, hoje 63, situa-se em terceiro lugar, ficando atrás apenas da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A Capes analisou 1.819 programas, compreendendo 2.861 cursos, sendo 1.020 de doutorado, 1.726 de mestrado e 115 de mestrado profissional. Nove grandes áreas do conhecimento humano foram contempladas: Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Agrárias, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Lingüística, Letras e Artes, Multidisciplinar e Ensino.

Para a pró-reitora de Pós-graduação, Valquíria Linck Bassani, a análise da tradução do desempenho dos programas em notas deve ser vista sempre com cautela. Ao contrário da tendência da média nacional, os indicadores mostram que, de uma forma global, as notas obtidas pela UFRGS se concentram em maiores proporções nos conceitos 5, 6 e 7 do que nos conceitos 3 e 4. "Isso mostra que a Universidade cresceu em relação ao triênio anterior. Qualificamos os nossos programas em uma grande proporção e obtivemos mais cursos com excelência na Pós-graduação." Se comparado à média nacional, os números são bastante expressivos. Enquanto o percentual médio de notas 6 e 7 nas universidades brasileiras situa-se em torno de 11%, a UFRGS apresenta 19%. No desempenho com notas de 5 a 7, os percentuais são ainda mais significativos. A média nacional é de 34%, e a da UFRGS chega a mais que o dobro, somando 66%. Já nas médias 3 e 4, os indicadores caem quase pela metade. Os números apontam uma média nacional de 62,6%, enquanto a Universidade apresenta apenas 33%.

EVOLUÇÃO

Os resultados satisfatórios dos últimos três anos mostram a evolução de um conjunto de fatores que, somados, colocam a UFRGS em posição de destaque nacional, como a alta capacitação, o dinamismo, o comprometimento e a motivação do corpo docente, discente e técnico-administrativo. "A Universidade vem investindo, desde o final dos anos 60, na valorização dos seus professores. Esse empenho tende a se refletir no bom desempenho da UFRGS", diz o vice-reitor e pró-reitor de Coordenação Acadêmica, Pedro Cezar Dutra Fonseca. O esforço em qualificar seus profissionais deu resultado. Atualmente, cerca de 90% dos professores da Universidade são pós-graduados. Enquanto a média nacional de doutores é de 33%, a UFRGS tem 64% de doutores atuando nas mais diversas áreas.

Segundo Valquíria, existe uma demanda expressiva de profissionais pós-graduados no mercado de trabalho, o que abre muitas portas ao futuro da Pós-graduação no Brasil. "A proposta do Plano Nacional de Pós-graduação, já quase finalizado pela Capes, sinaliza a expansão do número de programas de Pós-graduação para o período de 2005 a 2010. Apostamos na expansão que abranja não só o número de vagas, mas também o número de docentes, melhorias na infraestrutura das universidades públicas e o apoio a financiamentos. Trata-se de um pacote de ações", diz a pró-reitora.

Além da qualificação dos docentes, outro fator que ajudou a somar pontos na avaliação da Capes são os 569 grupos de pesquisa da

UFRGS, todos intimamente relacionados com a qualidade da Graduação e da Pós-graduação. "Na maioria das universidades, Pesquisa e Pós-graduação caminham juntas, resultando em que o sucesso seja, freqüentemente, compartilhado entre a Pós-graduação e os grupos de pesquisa", avalia Valquíria.

INSERÇÃO INTERNACIONAL

As pesquisas também vêm alcançando sucesso no cenário internacional. Durante muitos anos, as universidades públicas pautaram suas relações internacionais de forma unilateral, apostando na capacitação e na formação do corpo docente. "Nossos professores e estudantes buscavam uma formação doutoral no Exterior", lembra Valquíria. Isso mudou. Hoje, há um forte intercâmbio de profissionais e alunos com instituições de diferentes partes do mundo, resultando numa interação científica de igual para igual, em diversas áreas. "Crescemos na produção do conhecimento, no intercâmbio científico e na capacitação", comemora Valquíria.

Para a Capes, os programas com conceitos 6 e 7 devem ter inserção internacional, com produção científica em periódicos de circulação mundial, de qualidade reconhecida. Segundo Fonseca, o crescimento de programas com alcance internacional ajudou a somar pontos na avaliação, mas ele ressalta que ainda há áreas em que é preciso avançar mais. "A Pró-reitoria vai analisar essas áreas e estudar formas de atuar para que haja incremento", diz o vice-reitor.

SISTEMA QUALIS

A Capes utiliza um sistema chamado *Qualis*, que faz a classificação de todos os periódicos que divulgam produção científica brasileira. As publicações são classificadas conforme indicativos de qualidade e de âmbito de circulação, em A, B ou C, nas categorias local, nacional ou internacional. O sistema examina a freqüência e a qualidade com que os programas aparecem em publicações, comitês e associações internacionais. Avaliam-se também a organização de eventos internacionais no Brasil ou Exterior e a mobilidade de estudantes. Todos os que atendem fortemente a estes quesitos recebem nota 6 ou 7.

A UFRGS tem três programas 7 – Física, Geociências e Bioquímica – e nove com nota 6 – Biologia Celular e Molecular, Engenharia Civil, Engenharia de Minas, Metalurgia e Materiais, Pediatría, Ciências Veterinárias, Administração, Antropologia Social, Psicologia do Desenvolvimento e Música.

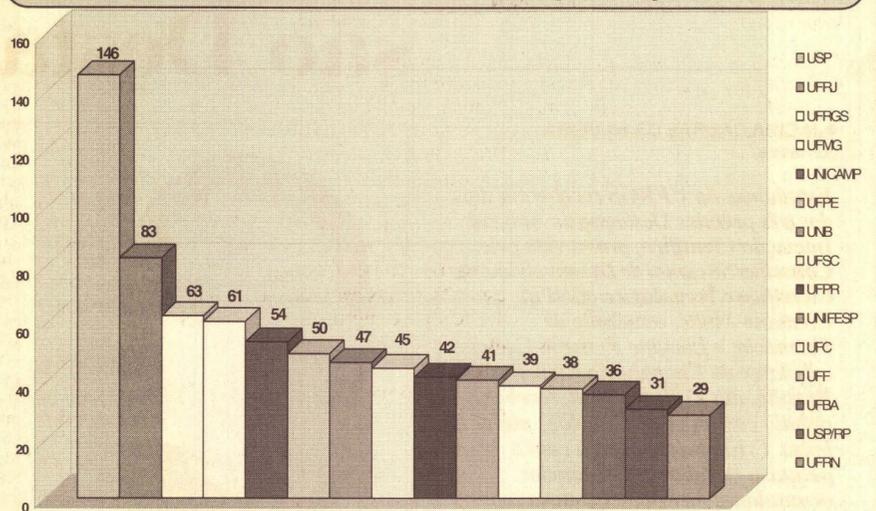
DESAFIOS

Para a ex-pró-reitora de Pós-graduação Jocélia Grazia, a UFRGS apresenta um nível consolidado em sua formação, com números expressivos de alunos matriculados e estudantes titulados anualmente, além de uma avaliação que mostra melhora no seu desempenho a cada ano. "Acredito que o próximo desafio será investir na interdisciplinaridade, associando-se docentes de diferentes unidades e programas de pós-graduação", diz Jocélia.

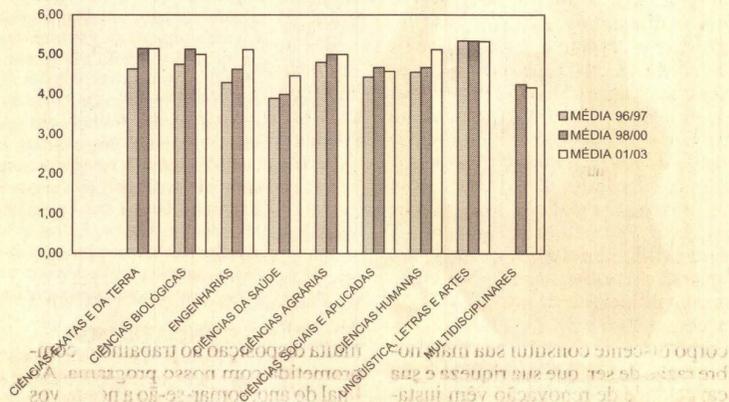
Acompanhando uma tendência mundial na pesquisa, a UFRGS vem investindo em multidisciplinaridades. "Rompe as barreiras de áreas de conhecimento onde o foco são temas com múltiplas abordagens", explica Valquíria.

Outras tendências que começam a repercutir na sociedade são os cursos de Mestrado em Ensino, que visam à capacitação de professores que atendam os ensinos fundamental e médio, e os de Mestrados Profissionalizantes, que buscam atender a demandas específicas do setor não-acadêmico, viabilizando a transferência tecnológica. Dos oito cursos profissionalizantes oferecidos pela UFRGS, sete

Total de Cursos (>=25)



ÁREA	MÉDIA 96/97	MÉDIA 98/00	MÉDIA 01/03
CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA	4,63	5,14	5,14
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	4,75	5,12	5,00
ENGENHARIAS	4,29	4,62	5,12
CIÊNCIAS DA SAÚDE	3,9	4,00	4,46
CIÊNCIAS AGRÁRIAS	4,8	5,00	5,00
CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS	4,43	4,66	4,57
CIÊNCIAS HUMANAS	4,55	4,66	5,12
LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES	5,34	5,33	5,33
MULTIDISCIPLINARES		4,00	4,17



obtiveram nota 5, conceituação máxima estabelecida pela Capes. O enfoque mais recente do Mestrado em Ensino da UFRGS é na área de Ensino de Ciências, onde, na primeira avaliação, já alcançou nota 5, com o de Ensino de Física. Também existem dois projetos de cursos novos de mestrado na Capes, um de Ensino de Matemática e outro de Química da Vida e Saúde.

AVALIAÇÃO

A institucionalização da avaliação da Pós-graduação pela Capes foi realizada com o Segundo Plano Nacional de Pós-graduação, no triênio 1982 a 1985. Os planos subsequentes consolidaram a avaliação sendo que o IV Plano, muito embora não tenha sido divulgado para a grande comunidade científica, editou diversos documentos, entre eles, a avaliação da avaliação da CAPES. Durante todos esses anos, o Sistema de Pós-graduação da UFRGS também vem analisando os resultados das avaliações anuais dos cursos, identificando as melhores estratégias para reduzir as disparidades de desempenho e alcançar êxito na avaliação trienal. "Muitos deles já são excelentes, outros, porém, precisam ser redimensionados e apoiados", diz Valquíria.

Depois da análise pelas comissões de área que compõem a Capes, ocorrem a homologação e a publicação dos resultados da avaliação trienal, que são encaminhados à Comissão de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação, para exame e deliberação sobre os processos de renovação dos cursos de mestrado e doutorado. A versão final da avaliação deverá ser apresentada à comunidade no início de dezembro.(CF)

Programas, modalidade acadêmica, que subiram de nota 5 para 6:

Biologia Celular e Molecular, Pediatría, Ciências Veterinárias, Administração, Antropologia Social e Psicologia do Desenvolvimento

Programas que subiram de nota 4 para 5:

Geografia, Engenharia Química, Cardiologia, Clínica Médica, Epidemiologia e Gastroenterologia.

Programas que subiram de nota 3 para 5:

Psiquiatria e Engenharia Elétrica

Programas que subiram de nota 3 para 4:

Botânica, Enfermagem e Relações Internacionais

Em discussão um novo programa de avaliação

O Ministério da Educação (MEC) vem trabalhando em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) para a formulação de políticas de educação superior de curto e de longo prazos. Dentro desta proposta, nasceu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), que previu a criação das Comissões Próprias de Avaliação (CPAs), responsáveis por sua implementação no âmbito de cada instituição de educação superior. Fechando um ciclo de reuniões de capacitação que percorreu todas as regiões do país, as instituições públicas e privadas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná reuniram-se em Florianópolis, entre os dias 18 e 21 de outubro. A UFRGS, que já executa um trabalho de avaliação interna desde 2003, coordenado pela Secretaria de Avaliação, também esteve presente e começa a discutir um novo programa, afinado com o sistema nacional.

Segundo a secretária de Avaliação Institucional, Ana Maria Braga, a Universidade já trilhava um caminho de auto-avaliação e, por isso, leva vantagem. "Por uma feliz casualidade, o programa de avaliação interna da UFRGS contempla todas as questões abordadas pela orientação do MEC", diz. O trabalho interno buscou abranger todos os segmentos da Universidade, envolvendo o ensino, tanto do Colégio de Aplicação como da Escola Técnica, da Graduação, Pós-graduação, Pesquisa e Extensão, assim como a gestão acadêmica, a gestão administrativa, os corpos docentes e discentes e os técnicos-administrativos. "É uma avaliação de grande espectro, envolvendo todas as funções fundamentais e o conjunto populacional da nossa instituição", diz Ana Maria.

Para compor a CPA, foram selecionados sete professores, cinco técnicos-administrativos, dois alunos da graduação, dois estudantes da pós-graduação e dois representantes da sociedade civil. As diretrizes, critérios e estratégias da avaliação nacional ficam ao encargo da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Coneas), como órgão colegiado de supervisão e coordenação do Sinaes. O presidente da comissão é o ex-reitor e professor da UFRGS, Hélgio Trindade, que, segundo Ana Maria, será convidado pela comunidade da Universidade a discutir o novo modelo de avaliação interna.

Conforme dita a lei, a Universidade deverá entregar o novo programa até dezembro de 2004. Os processos de avaliação nacional deverão estar concluídos até o final de 2006, possibilitando um amplo debate sobre as condições da educação superior no Brasil. (CF)

Licenciaturas têm novos currículos

Em 2005 as 17 licenciaturas da UFRGS passarão por reformas curriculares. Aprovado o documento enviado em julho ao Ministério da Educação pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), adaptando as regras do ensino na UFRGS à Lei de Diretrizes de Bases (LDB).

Elizabeth Diefenthaler Krahe, coordenadora da Corlicen (Coordenadoria das Licenciaturas da UFRGS), destaca como uma das principais mudanças o aumento da carga horária dos estudantes das diferentes licenciaturas com vistas à qualificação do desempenho profissional. Agora serão 400 horas de práticas pedagógicas, entendidas como disciplinas que tenham por objetivo discutir educação. Institutos como o de Matemática poderão oferecer disciplinas como *Matemática na sala de aula* ou *Matemática e a Educação*.

O tempo e modalidade de estágio também sofreram alterações. A partir da metade do curso, todo aluno de licenciatura deverá começar e desenvolver seu estágio em etapas progressivas. No início, o estudante irá à escola apenas como observador. Depois como auxiliar de professor, até chegar à regência da turma. "É um processo longo", explica Elizabeth. São mudanças como esta que garantirão profissionais mais qualificados. "Tínhamos cursos onde a formação de professores era apenas um verniz pedagógico de um bacharel. Hoje não."

Foi estabelecido o limite de 15 de outubro para que a Universidade passe a praticar os novos currículos.

ESPAÇOS DE DISCUSSÃO

As licenciaturas da UFRGS existem desde 1930, quando os

cursos dos institutos básicos passaram a criar suas licenciaturas. Conforme suas necessidades, cada área procurou atender uma demanda social. "Este crescimento isolado, entretanto, caracterizou o surgimento de licenciaturas sem um guia, um norte em comum", avalia Krahe.

A constatação desta falta e toda uma série de exigências legais desencadearam ações dos docentes para repensar esta realidade. Internamente, já vinha sendo cogitada na UFRGS a formação mais qualificada dos professores. Só em 1994 o MEC apresentou um programa pelo qual as universidades deveriam elaborar projetos para reformular as licenciaturas. Estava mais voltado para projetos de inovação pedagógica.

Em 2000, foi criada na UFRGS a Coordenadoria das Licenciaturas que tem, entre suas atribuições, o estudo e a proposição de inovações nos cursos de licenciatura. Também promove e articula esses cursos com os sistemas de ensino responsáveis pela educação básica no Estado.

Havendo a necessidade entre os professores de preparar disciplinas mais adequadas, inicia na Faculdade de Educação (Faced), em 2002, o Grupo de Trabalho Licenciatura. Como a Faced não atende apenas a sua licenciatura que é a Pedagogia, mas também as demais 16 licenciaturas existentes na UFRGS, houve a necessidade entre os professores de preparar disciplinas adequadas.

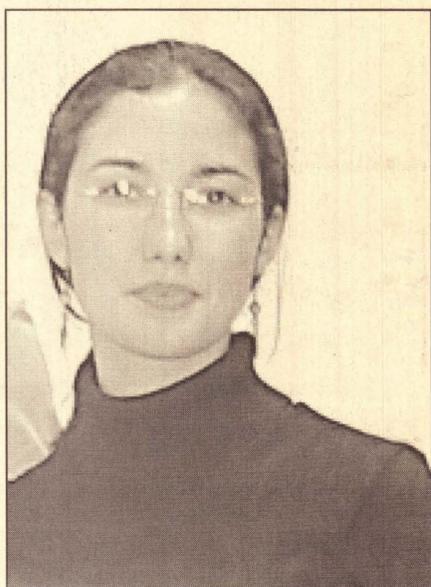
Ao fazer a retrospectiva de tudo que resultou nos novos currículos das licenciaturas que terão início em 2005, Elizabeth reconhece quanto as discussões que começaram em 1994 servem de referência nacional e inauguram um novo tempo na Educação da UFRGS: "O que temos hoje é uma diretriz comum, com propostas inovadoras e disciplinas com perspectivas mais amplas na formação pedagógica". (JCS)

DESTAQUES

Bolsistas da Engenharia e Farmácia
são Destaque do Ano

● JACIRA CABRAL DA SILVEIRA
Jornalista

Estudantes da UFRGS receberam dois dos três prêmios Destaque do Ano em Iniciação Científica, promovido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Cristiane Matté, estudante de Farmácia, e Luciane Fonseca Caetano, estudante de Engenharia Civil, foram a Brasília, dia 21 de outubro, receber o prêmio correspondente a doze meses de bolsa. Cristiane concorreu com a pesquisa "Efeito de substâncias acumuladas na homocistinúria sobre o metabolismo energético", e Luciane com "Investigação da possibilidade de utilização de fibras para melhoria do desempenho de concretos e argamassa (fibratech)". Ambas participarão da próxima reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 2005, quando apresentarão seus trabalhos.



Luciane Fonseca Caetano (Engenharia Civil) e Cristiane Matté (Farmácia)



FOTOS RICARDO DE ANDRADE

Ao todo, cento e vinte e duas instituições participam do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Cada uma pode indicar três trabalhos ao prêmio Destaque do Ano, um em cada grande área do conhecimento. Editada anualmente, esta iniciativa do CNPq é a mais importante em nível nacional. A experiência de iniciação científica brasileira é quase uma exclusividade mundial, tornando-se referência em seus resultados. O prêmio Destaque do Ano na Iniciação Científica destina-se a bolsistas selecionados em universidades e centros de pesquisas. Os trabalhos são selecionados em três categorias; este ano foram 37 finalistas nas áreas de Ciências da Vida, 43 em Ciências Exatas da Terra e das Engenharias e 30 em Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes. Para Marininha Aranha Rocha, vice pró-reitora de Pesquisa da UFRGS, o prêmio constitui-se em um importante incentivo ao jovem pesquisador para a prática de pesquisa.

CIÊNCIA DA VIDA

Cristiane Matté mora há dois anos na casa de estudante da avenida João Pessoa e, como estudante de Farmácia, há quatro é bolsista de Iniciação Científica no Departamento de Bioquímica, onde desenvolveu sua pesquisa premiada. Nesses dois espaços universitários, ela adquiriu experiências que vão além das esperadas quando prestou vestibular. Por um lado, a excelência do trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa do qual participa; por outro, a permanente troca de ideias com estudantes de outras áreas. Usam os mesmos livros, auxiliam nas explicações, mudam hábitos.

A bolsista cita sua orientadora, professora Angela Wyse, como exemplo de dinamismo e busca permanente de atualização. Lembra que, ao entrar no Departamento, existiam poucas linhas de pesquisa. Hoje há mais opções, mas ainda se trabalha, principalmente, com defeitos inatos do metabolismo, doenças genéticas, nas quais o indivíduo apresenta deficiência numa enzima. "O laboratório trabalha com doenças que ainda não têm cura, apenas tratamentos paliativos."

Um destes casos passou a ser tema da pesquisa de Cristiane. Ela pretende contribuir para a linha de pesquisa que estuda a homocistinúria, doença genética na qual o indivíduo apresenta deficiência numa

enzima, gerando acúmulo dos metabólicos que, quando formados em demasia, podem ser tóxicos e só podem ser percebidos quando a criança cresce. A homocistinúria aparece no indivíduo desde o seu nascimento e os sintomas são o retardo mental e convulsões. Partindo deste fato, a jovem pesquisadora buscou avaliar a relação entre o acúmulo de homocisteína (substrato da enzima) e as disfunções diagnosticadas. "O que estudamos é a influência da homocisteína na doença."

A experiência foi desenvolvida em ratos saudáveis, injetando-se homocisteína para verificar a atividade de outra enzima presente em grande quantidade no sistema nervoso central, que garante seu funcionamento normal. O objetivo do trabalho, que busca esclarecer alguns aspectos bioquímicos da homocistinúria, foi verificar o efeito da homocisteína sobre a atividade desta outra enzima (a Na⁺, K⁺-ATPase), sobre alguns parâmetros do metabolismo energético e do estresse oxidativo nas estruturas cerebrais dos ratos, além de investigar seus efeitos sobre a memória.

No final de vários experimentos, Cristiane concluiu que a homocisteína realmente altera a atividade da enzima em questão, prejudicando a produção de energia, porque o metabolismo energético sofre interferência. "Todas estas constatações podem colaborar para desvendar um pouco da fisiopatologia da doença." Ela faz questão de lembrar que a premiação pelos resultados de sua pesquisa não cabe só a ela: "Um trabalho como este precisa da participação de muitas pessoas para ser desenvolvido, desde os funcionários do Departamento, passando por pós-graduados, até os professores orientadores do nosso grupo".

CIÊNCIAS DA TERRA E DAS ENGENHARIAS

Incêndios em túneis, insuficiência nos pisos de estradas, de indústrias, de estruturas de concreto que devem suportar altos impactos são exigências contemporâneas e objetos de pesquisa nas universidades. Luciane Fonseca Caetano, da Engenharia Civil, a outra estudante da UFRGS vencedora do prêmio Destaque do Ano em Iniciação Científica, investigou a Possibilidade de utilização de fibras para melhoria do desempenho de concretos e argamassa (fibratech). A pesquisa foi desenvolvida no Laborá-

tório de Ensaios e Modelos Estruturais (LEME), setor da Escola de Engenharia que completa 30 anos neste mês de novembro.

Assim como Cristiane, Luciane tem grande parte de seu dia envolvido com a pesquisa de Iniciação Científica e com seu grupo de trabalho. "É como se fosse minha família", comenta. Há quatro anos no LEME, Luciane lembra da timidez com que chegou do Interior para estudar na Capital. Hoje deve a segurança que adquiriu também aos destaques que já recebeu em dois salões de Iniciação Científica da UFRGS. Além de seu envolvimento com a pesquisa, e de cursar o nono semestre de Engenharia Civil, Luciane encontra tempo para dar palpites na elaboração da nova página do LEME na Internet, que será lançada no aniversário do Laboratório.

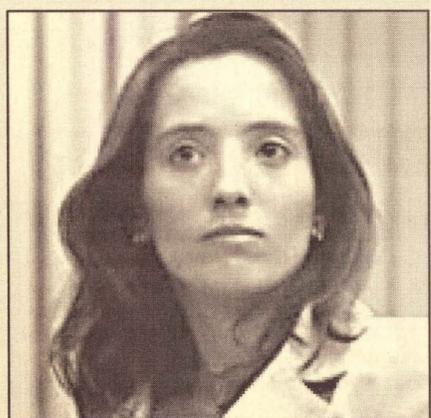
Sua emoção maior é com a ida a Brasília e com o reconhecimento do trabalho que está desenvolvendo no Laboratório. "Tudo começou com a fibra aramida, nova no mercado da construção civil, que queremos testar porque sabíamos das suas características: alta resistência à tração e bom desempenho ao impacto." Foi necessário que escolhesse diferentes materiais para estabelecer comparações. Outras quatro fibras foram selecionadas para os testes: a fibra sintética de polipropileno e as fibras naturais de vidro, aço e sisal. As de aço e vidro são usualmente misturadas ao concreto, para melhorar a qualidade do produto.

"O homem aprendeu a misturar barro com restos vegetais como primeira alternativa para construir alguma coisa," recorda o professor Luiz Carlos Pinto da Silva Filho, orientador de Luciane. Como o objetivo era tornar o concreto mais resistente a impactos e a altas temperaturas, cada fibra foi experimentada em diferentes quantidades adicionadas ao concreto. Materiais reforçados com fibras, já empregados em vários campos, ainda têm sua utilização restrita na construção civil, e a pesquisa de Luciane busca oferecer informações sobre a possibilidade de melhoria do desempenho de concretos e argamassas misturados com fibras.

Quando adicionadas ao concreto ou argamassa, as fibras passam a cumprir a importante função de elementos de reforço à tração. Verificou-se como estas fibras afetaram as propriedades das massas resultantes das misturas com características diferentes quanto à sua elasticidade, forma, dimensões e resistência ao calor. Segundo Luciane, manipulando esses resultados, pode-se gerar materiais avançados e projetados para que tenham características especiais de resistência a impacto, capacidade de deformação ou menor suscetibilidade a temperaturas elevadas.

Um dos focos da pesquisa foi o uso de fibras de polipropileno para minimizar a degradação de estruturas quando submetidas a altas temperaturas. Como os concretos estão cada vez mais densos, ocorrem deslocamentos devido às pressões internas causadas pela evaporação de água na estrutura. A tendência desse vapor é sair e, como não existe possibilidade de expansão, aparecem as fissuras. A inserção da fibra de polipropileno tem a finalidade de amenizar essas conseqüências.

Conforme as observações de Luciane, em função do baixo ponto de fusão do polipropileno (160°), este acaba fundindo e formando canais por onde as pressões podem sair. Também foram realizados ensaios comparativos com as diversas fibras nas quais uma esfera de aço caía de diferentes alturas. A cada teste, foram estabelecidos o momento em que apareceram as primeiras fissuras e quando a placa rompeu. Antes mesmo de submeter o trabalho à seleção para o prêmio do CNPq, os resultados da pesquisa de Luciane já vêm sendo divulgados em publicações técnicas e em artigos apresentados em congressos nacionais e internacionais.



Florencia Cladera Olivera

Doutoranda da UFRGS é Prêmio Jovem Cientista

A doutoranda em Engenharia Química da UFRGS Florencia Cladera Olivera, 28 anos, ficou em primeiro lugar na categoria graduados do XX Prêmio Jovem Cientista, que teve como tema Produção de Alimentos – Busca de Soluções para a Fome. O prêmio, uma iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Grupo Gerdau, da Eletrobrás e da Fundação Roberto Marinho, recebeu 303 inscrições de todo o país. Foram 209 na categoria Graduados e 94 na categoria Estudantes. Pela primeira vez, todas as vencedoras são mulheres. O resultado foi divulgado no último dia 26 pelo presidente do CNPq, Erney Plessmann Camargo, em Brasília.

A pesquisadora uruguaia, que reside há sete anos no Brasil, desenvolveu um bioconservante depois de selecionar, entre 87 bactérias extraídas de peixes e ambientes aquáticos da Bacia Amazônica, uma bactéria do intestino de um peixe chamado *Piau com pinta*, capaz de servir como conservante natural de alimentos.

O trabalho, orientado pelo professor de Bioquímica de Alimentos da UFRGS, Adriano Brandelli, concluiu que a bactéria produz a substância chamada bacteriocina, capaz de combater uma doença na batata conhecida como podridão mole. Cenoura e repolho também podem ser prejudicadas. A doença é causada por outra bactéria do gênero *Erwinia*, que causa o apodrecimento e perdas do produto, na colheita ou na estocagem. Além de proteger a batata, a bacteriocina mostrou-se eficaz também no combate a outras bactérias, como o *Bacillus Cereus*, que provoca gastroenterite, e o *Streptococcus*, que causa a mastite nas vacas, acarretando perdas na produção de leite.

Durante dois anos, no Laboratório de Bioquímica e Microbiologia Aplicada do Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos, Florencia fez inúmeros testes para checar a eficiência da bacteriocina. Para produzi-la, cultivou a bactéria que produz essa substância em soro de queijo, um resíduo industrial altamente contaminante, que não pode ser descartado diretamente no solo.

O resultado do trabalho foi um avanço na preservação ambiental e uma enorme contribuição para a agricultura, pois evita perdas para os agricultores. A aplicação da bacteriocina é acessível a qualquer agricultor.

A trajetória acadêmica da jovem uruguaia foi trilhada na UFRGS, onde se formou em Engenharia de Alimentos, fez mestrado em Microbiologia Agrícola e do Ambiente e, atualmente, é doutoranda em Engenharia Química, na área de Alimentos. "Recebi este prêmio com imensa alegria e surpresa ao mesmo tempo. Foram dois anos de trabalho extenso e cansativo, que acabou dando bons frutos. Estou muito feliz", diz Florencia, mais de 50% dos alimentos produzidos no país vão para o lixo. "As perdas durante as diferentes etapas do processo produtivo de alimentos são muito elevadas, acrescentando que, principalmente, na agricultura." (CF)

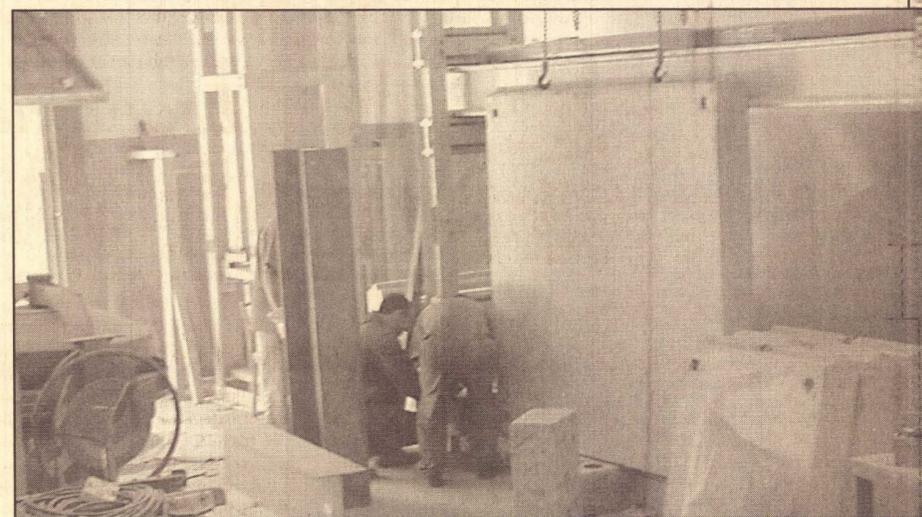
LEME comemora 30 anos

Em novembro o Laboratório de Ensaios e Modelos Estruturais (LEME), da Escola de Engenharia da UFRGS, completa 30 anos. Entre as comemorações, está programado o II Seminário de Patologia das Edificações, Novos Materiais e Tecnologias Emergentes, dias 18 e 19 de novembro, no Salão de Ato II. Outra ação comemorativa será o lançamento da página do Laboratório na Internet, onde os visitantes poderão conferir o resultado de 30 anos de atividades desenvolvidas em Ensino, Pesquisa e Extensão.

Vencedor por duas vezes do prêmio Falcão Bauer, importante reconhecimento internacional, o laboratório atualmente abriga grupos de pesquisa nas áreas de análise estrutural, patologia das construções, sistemas construtivos, métodos não destrutivos e estudos de matérias. Integram o grupo quatro doutores e dois mestres, que recebem o apoio técnico de um grande número de estudantes de graduação e pós-graduação. "Estamos em linha com o que vem sendo pesquisado em nível mundial", comemora o coordenador do LEME, professor Dario Lauro Klein.

Em média, frequentam o Laboratório cerca de 300 alunos por semestre. Segundo o coordenador, as atividades de ensino são fundamentais na atuação do LEME, onde são desenvolvidas aulas práticas de diferentes disciplinas de graduação e pós-graduação. "Percebemos como vital esta conexão entre os estudos em desenvolvimento e a parte experimental," avalia o professor. Além dos estudantes de Engenharia, o Laboratório recebe alunos da Faculdade de Arquitetura.

Quanto aos trabalhos desenvolvidos na pós-graduação, o LEME tem uma forte tradição nas áreas de instrumentação e modelagem. Neste setor, tem sido um dos primeiros no país a desenvolver a técnica de extensometria elétrica, sensor para medir deforma-



O LEME tem tradição nas áreas de instrumentação e modelagem

ções em estruturas. O Laboratório apresenta ainda uma atuação marcante no ensaio de materiais de construção, tanto tradicionais, como novos. Testes de durabilidade, desempenho e caracterização mecânica são realizados com frequência para subsidiar pesquisas ou auxiliar o meio técnico na resolução de problemas reais.

Nestes 30 anos de existência, o LEME também tem buscado se relacionar com diferentes representantes do setor privado através de assessoramento

técnico. São desenvolvidas atividades como vistorias técnicas e avaliação do estado de conservação de obras; elaboração de laudos técnicos de segurança estrutural e recuperação de obras históricas atacadas por sais e umidade. Quanto à aproximação da pesquisa e o setor produtivo, ainda há muito a avançar na cultura de preservação do conhecimento produzido na Universidade através de patentes. "Precisamos preservar a autoria inclusive dos textos produzidos," adverte Klein. (JCS)

ATUALIDADE

Nanotecnologia da UFRGS tem projetos aprovados pelo CNPq

FOTOS RENATA RASSIN

●**CARLA FELTEN**
Jornalista

Em concorrência com pesquisadores de todo o país, três professores da UFRGS tiveram seus projetos aprovados por editais do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), recebendo verbas que variam de R\$ 300 mil a R\$ 450 mil. Os vencedores desenvolvem trabalhos aqui, numa ciência que também pode ser classificada como arte: a nanotecnologia, que manipula partículas bilhões de vezes menores que um metro.

Cientistas vêm trabalhando átomo por átomo para desenvolver computadores que incluem meios de armazenar dados com densidades de gravação muito elevadas, nanopartículas capazes de viajar pela corrente sanguínea, combatendo o câncer e criando calças que não mancham. A nanotecnologia, ciência de manipular materiais em escalas bilhões de vezes menores que um metro, vem fazendo incríveis avanços pelo mundo nos últimos anos. A UFRGS, também inserida neste novo campo, ganha destaque nacional na aprovação de projetos por órgãos de fomento à pesquisa. No início de outubro, mais três pesquisadores da Universidade, concorrendo com profissionais de todo o país, tiveram seus projetos aprovados pelos editais 12 e 13 do CNPq, com valores que variam entre R\$ 300 mil e R\$ 450 mil. Ao todo, foram 16 pesquisadores selecionados.

Multidisciplinar por natureza, a nanotecnologia tem o potencial de revolucionar amplamente vários campos tecnológicos e científicos, como os da biologia, da física, da química e da engenharia. O assunto é levado tão a sério que corporações, governos, universidades e outras instituições estão investindo cerca de US\$ 8,6 bilhões em pesquisas em 2004. O país que mais aposta na nanotecnologia são os Estados Unidos, responsáveis por US\$ 1,6 bilhão. As companhias americanas também investem pesado, somando US\$ 1,7 bilhão no ano passado. Governos da Ásia e da Europa deverão fechar o ano com montantes de US\$ 1,6 bilhão e US\$ 1,3 bilhão, respectivamente. Estima-se que, de 2010 a 2015, o mercado mundial para materiais, produtos e processos industriais baseados em nanotecnologia será de US\$ 1 trilhão.

DESAFIO

No Brasil, as iniciativas de incentivo à pesquisa ainda são, na maioria, realizadas pelo governo, já que as parcerias com empresas ainda são limitadas. Para o professor do Instituto de Física João Schmidt, o desafio brasileiro é não perder o “bonde” mundial. “Se conseguirmos colocar tecnologia em nossos produtos, passaremos a competir de igual para igual com o resto do mundo. Acredito que o país precisa achar o pulo do gato”, diz ele. O diálogo com os empresários é, no seu entendimento, fundamental para romper dúvidas, preconceitos e gerar parcerias. “Os empresários ainda não conseguiram enxergar no futuro a nanotecnologia”, lamenta.

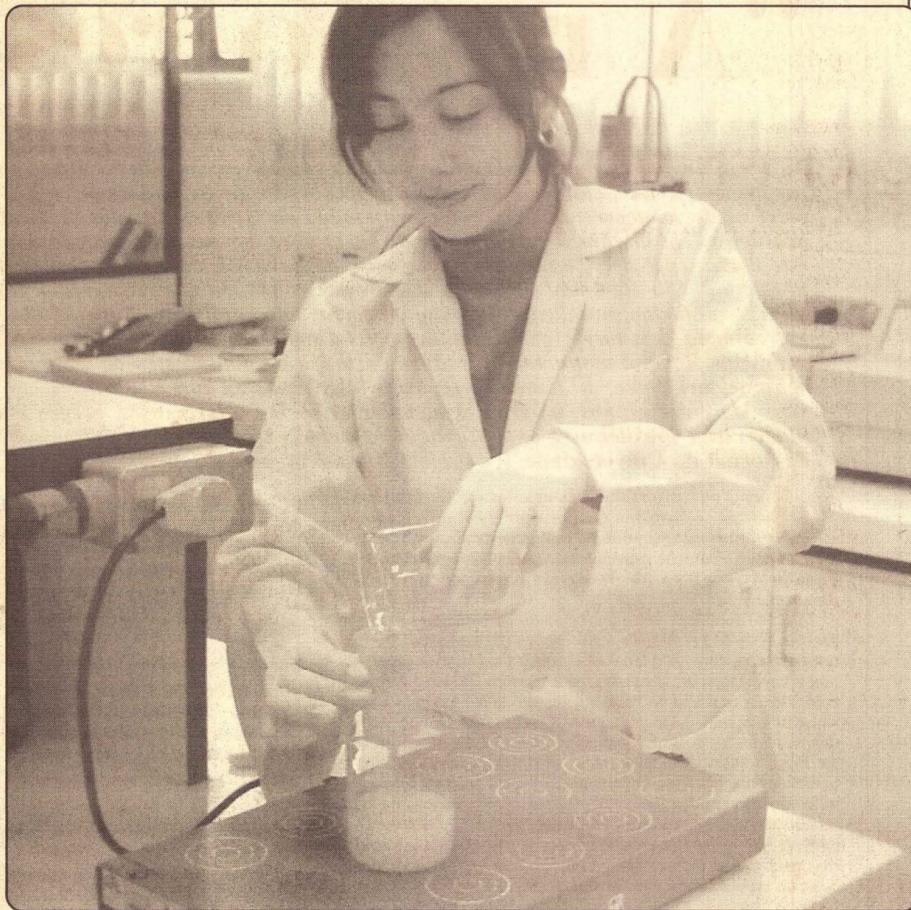
Mesmo com as dificuldades financeiras, existe hoje uma produção científica significativa no Brasil nos temas de manipulação de nano-objetos, nanoeletrônica, nanomagnetismo e nanobiotecnologia, incluindo os nanofármacos, a nanocatálise e as estruturas nanopoliméricas. A indústria farmacêutica é aqui, assim como no resto do mundo, um foco importante para estudo. Quando aplicada às ciências da vida, a nanotecnologia recebe o nome de nanobiotecnologia. Neste fantástico universo, uma revolução no tratamento de doenças como câncer, mal de Parkinson, Alzheimer ou diabetes está por vir. “A nanobiotecnologia pode ser usada para o desenvolvimento de produtos capazes de tornar os tratamentos menos agressivos ao paciente e, em muitos casos, mais eficazes”, diz a vice-diretora e professora da Faculdade de Farmácia Silvia Stanisquaski Guterres. No caso do câncer, estudos mostram que nanocápsulas conseguem acessar com mais sucesso os tumores sólidos, o que significa vetorizar o medicamento para dentro do tumor.

O nível de sofisticação das pesquisas em nanobiotecnologia aumenta a cada dia. Em 2000, a professora Silvia coordenou um estudo para acabar com os efeitos colaterais de um tipo de antiinflamatório não-estereoidal. Apesar de eficaz, o produto, se ingerido por longo tempo, pode causar úlcera no estômago. O processo de colocar o medicamento dentro de nanocápsulas – pequenas vesículas de polímero – e testar em ratos foi um sucesso. “As nanocápsulas passaram a proteger o estômago da ação negativa do medicamento, mantendo o efeito farmacológico”, comemora. O projeto foi patenteado na França, em 2003, e aguarda concessão do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) no Brasil.

EFICÁCIA

Além de minimizar ou acabar com os efeitos colaterais, pesquisadores buscam também aumentar o tempo de ação dos medicamentos no organismo, alterar o acesso que os fármacos têm em várias partes do corpo ou torná-los mais estáveis quimicamente. A indústria de cosméticos, atenta às evoluções na nanotecnologia, também vem investindo pesado em pesquisas, buscando fabricar cremes que sejam melhor absorvidos e fiquem mais tempo retidos à pele humana. Hoje, algumas empresas já agregam em seus produtos nanocápsulas de vitamina E, apostando em maior sucesso na guerra anti-rugas. “O uso da nanotecnologia é fantástico e promissor, mas ainda falamos de uma tecnologia cara”, diz Silvia.

Só para se ter uma idéia dos custos em pesquisa, um microscópio eletrônico de transmissão razoável custa, hoje, cerca de US\$ 2 milhões. Além disso, é preciso pessoal capacitado para o manuseio. “Há falta de técnicos de nível superior qualificados no Brasil”, lamenta o professor do Instituto de Biociências e coordenador de uma das seis redes nacionais de pesquisas na área criadas a partir



Nanoprecipitação: método de suspensão de naocápsulas para administração de fármacos

de 2002, Tarso Ledur Kist.

O professor vem trabalhando na pesquisa e aplicação das propriedades de nanoestruturas – nanotubos, nanofios, nanoesferas, pontos quânticos – em análises químicas e bioquímicas em células e moléculas, para diagnosticar desde doenças geneticamente herdadas até patógenos. Segundo Kist, algumas nanoestruturas podem ser diretamente aplicadas no estudo, caracterização e detecção de moléculas como DNA, RNA e as proteínas. A biologia celular e a fisiologia são outros campos apontados por ele.

EVOLUÇÃO

Falar em nanotecnologia não significa falar em uma tecnologia radicalmente nova, mas de uma acelerada evolução do conhecimento e do domínio humano sobre a matéria. Na Idade Média, mesmo sem deter o conhecimento, já se fazia nanociência. Os coloridos vitrais das igrejas, feitos há centenas de anos e que até hoje persistem em sua beleza, são um exemplo. “É o tamanho do grão das partículas de ouro ou de prata colocadas no vidro que determinam a coloração. E isso é nanotecnologia”, explica o professor Schmidt.

Apaixonado pelo assunto, o pesquisador trabalha desde o início da década de 90, em parceria com o professor Mário Baibich, com magnetoresistência gigante com aplicações em nanotecnologia. Um de seus empenhos é aumentar o número de bits usados nos discos rígidos dos computadores. No dia-a-dia, as pessoas já estão se servindo dos avanços das pesquisas realizadas mundo a fora nesta área, mesmo sem se darem conta. “Um computador que tenha a capacidade de uns 20 gigabits já tem esta tecnologia de ponta. E hoje, praticamente, todos têm em casa”, diz Schmidt.

A Física, além de buscar meios de armazenamento de dados com densidades de gravação muito elevadas, também estuda as atividades da nanoeletrônica, da spintrônica e da computação quântica, abrindo vias que ultrapassarão a atual tecnologia da informática. No Instituto de Química da UFRGS, entre outras pesquisas, a nanocatálise também promete resultados promissores. Uma das mais importantes tecnologias do mundo, a catálise permite a produção de materiais como plásticos,

combustível para carros, remédios e para remover gases poluentes pelos motores de explosão. Atualmente, procura-se fazer com que as partículas do catalisador sejam as menores possíveis, para que se tenha uma maior área superficial por unidade de massa.

Atuando em parceria com a Petrobras, o pesquisador e professor Jairton Dupont começou a trabalhar com nanocatálise há cinco anos. Buscando atender à legislação vigente que regula os níveis de poluentes no ar, Dupont vem desenvolvendo nanocatalisadores mais efetivos para eliminação, por exemplo, de compostos aromáticos, nitrogenados e sulfurados dos combustíveis derivados do diesel e da gasolina. “A Petrobras já é uma parceira antiga do Instituto, financiando projetos e pagando bolsistas. A empresa investe alto em pesquisa, porque sabe da potencialidade da nanocatálise e dos processos que podem se tornar arcaicos de uma hora para outra”, diz Dupont.

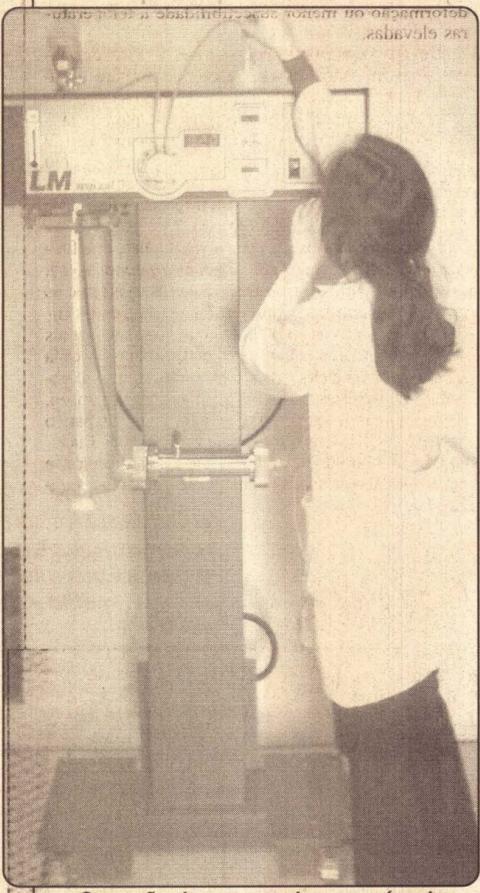
Hoje, é grande o número de cientistas que atuam em seus laboratórios nas áreas de nanociência e nanotecnologia na UFRGS. Este ano, começou a ser feito um levantamento de todos os setores e dos profissionais que trabalham no assunto. A idéia é juntar esforços, identificar pontos comuns e construir um centro de nanotecnologia na Universidade. “Até agora, cada unidade e pesquisador trabalhava isoladamente e buscava recursos individualmente. Queremos mudar isso, estimulando a troca de informações e a interação entre as equipes”, diz Schmidt.

Projetos aprovados pelo CNPq

Paulo Antonio Zawislak - Professor da Escola de Administração: estudo do Impacto Econômico, Tecnológico, Social, Ambiental e Regulatório da Nanotecnologia no Desenvolvimento e Produção de Novos Princípios e Fármacos para o Setor Farmacêutico Brasileiro.

Raquel Santos Mauler - Professora do Instituto de Química: projeto Nanocompósitos de Polioléfinas.

Silvia Stanisquaski Guterres - Vice-diretora da Faculdade de Farmácia: projeto Desenvolvimento e Produção de Medicamentos na Forma de Nanopartículas.



Operação de secagem das nanocápsulas

Universidade oferecerá Pedagogia a Distância

O Ministério da Educação aprovou, em outubro, os projetos de educação a distância apresentados pela UFRGS e mais quatro universidades públicas do sul do país que integram o consórcio Rede Sul. Essas universidades apresentaram projetos de criação de cursos de licenciatura a distância nas áreas de Matemática, Física, Pedagogia (séries iniciais do Ensino Fundamental).

Uma das exigências do edital lançado no início deste ano era a formação de consórcios para a criação e oferta das licenciaturas. Através da Faculdade Educação (Faced), a UFRGS colaborará com o curso de Pedagogia em Educação Especial, oferecido pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A UFRGS também oferecerá o curso de Licenciatura em Pedagogia a 400 professores leigos já atuantes na rede pública de ensino fundamental e médio do Estado. Esse curso terá a coordenação da professora Mériem Campos Bordas, diretora da Faculdade de Educação, onde o projeto foi elaborado com a parti-

cipação de cerca de 30 professores.

Para garantir toda a sistemática de implantação e desenvolvimento, próprios dos cursos a distância que exigem uma gestão mais interdisciplinar, diferentes setores como a informática e a comunicação integraram-se ao projeto. Segundo o secretário de Educação a Distância da Universidade, Julio Alberto Nitzke, o curso está em fase de preparação do material didático e deverá ser oferecido no segundo semestre de 2005.

“Não é simplesmente preparar apostilas. É preciso elaborar um material diferenciado, baseado, principalmente, na cooperação e interação entre os alunos”, diz o secretário. Na avaliação de Nitzke, nem todas as universidades agem dessa forma. A Educação a Distância da UFRGS já é referência nacional pois procura aproveitar ao máximo a Internet como ferramenta de interação professor/aluno, aluno/aluno e aluno/conteúdos.

Embora ainda não estejam definidas as regras para a seleção dos

alunos, é certo que não haverá vestibular e as vagas serão distribuídas conforme as necessidades e a proximidade dos Núcleos de Tecnologia Educacional (NTEs). Esses núcleos são salas especialmente montadas e equipadas pelo MEC e distribuídas em diferentes pontos no território nacional onde professores são treinados para usar as novas tecnologias através do auxílio de tutores.

No Rio Grande do Sul, a UFRGS foi responsável, há anos, pelo treinamento desses tutores, que hoje trabalham nos núcleos. O curso, será oferecido nos municípios de Pelotas, Caxias, Osório e Santa Maria.

Um dos diferenciais desse curso, segundo o secretário, é o público alvo. A coordenação do projeto quer dar aos professores leigos na ativa a oportunidade de realizar a graduação a distância uma vez que não conseguiram fazê-lo na forma convencional. Mesmo que já lecionem, poderão atualizar e ampliar seus conhecimentos como uma visão contemporânea do que é ser professor, e questões permanentes sobre aprendizagem.

"A razão restringe nosso âmbito de reflexão"

DONALDO SCHÜLER

Ao ser anunciado o nome de Donald Schüller como o patrono da 50ª Feira do Livro de Porto Alegre, os círculos culturais da cidade foram praticamente unânimes: era a escolha certa entre os dez concorrentes. Professor aposentado na UFRGS, um dos maiores especialistas brasileiros em literatura grega, autor de vasta obra em ensaio, tradução, poesia e ficção, este caratinense de 72 anos, porto-alegrense desde os 13, continua no auge de sua produção intelectual. Em 2004 lançou o livro Refabular Esposo, em que reinventa o fabulista para além do esquema moralizante em que ele havia sido confinado. Entre 1999 e 2003, enfrentando uma tarefa que a muitos parecia impossível, lançou em cinco volumes Finnicius Revém, monumental tradução criativa de um clássico da vanguarda mundial, o Finnegans Wake, de James Joyce. Para falar da Feira do Livro e de sua vida entre alunos, imigrantes alemães, caboclos catarinenses, gregos clássicos, modernistas brasileiros e outros assuntos Donald recebeu Clóvis Ot e Juarez Fonseca, do Jornal da Universidade, e o professor Luís Augusto Fischer.

Jornal da Universidade - Durante mais de 50 anos o senhor se envolveu com pensamentos sofisticados, estudos da antiguidade, milhares de alunos. Sentiu agora alguma emoção especial ao ser escolhido patrono da Feira do Livro de Porto Alegre ou este é apenas mais um episódio em sua vida?

Donald Schüller - Sou muito objetivo nestas questões. Acompanho a Feira do Livro desde quase o princípio, e efetivamente o que aconteceu com ela é uma coisa espantosa. O que se observa hoje é que há todo um clima da cidade em torno do livro, a Feira entrou na consciência de Porto Alegre. No início ela tinha uma situação marginal, começou com os livrinhos, alguns editores e distribuidores, mais tarde foram convocados também os escritores. E esse trabalho conjunto é muito importante, o livro é elemento fundamental para o desenvolvimento do país. Os países em que se lê muito são os desenvolvidos e os países em que se lê pouco são como o nosso, com sérios problemas sociais e econômicos a resolver. Não podemos abandonar sair da situação em que estamos para aspirar o papel que gostariamos de desempenhar sem que esse problema seja efetivamente resolvido.

JU - É uma questão antiga, para não dizer histórica... Donald - Sim, embora as ações para minimizá-la comecem no século passado. Na época de Monteiro Lobato, por exemplo, não havia nem livrarias no país; ele distribuía os seus livros por conta própria, em farmácias. Também Mário de Andrade publicou Macanuta por conta própria, apenas 800 exemplares, uma edição baixíssima, mas que ele levou dez anos para distribuir. Já hoje nós somos procurados pelos editores, podemos selecionar as obras. De sorte que entrar neste movimento, para promover a difusão do livro, me parece uma atividade muito importante. E eu gostaria de ficar nesta situação objetiva sobre o livro. Vale mais do que quaisquer reações pessoais que possa ter diante do fato.

JU - Então não sentiu nada diferente ao ter seu nome anunciado? Donald - Sou pouco emotivo, mas a verdade é que nos primeiros dias depois do anúncio de meu nome nem tive tempo para pensar nisso, chegava tarde em casa, já cansado da maratona por televisões, rádios etc. De todo modo, a visibilidade que se dá ao livro e a quem representa o livro é muito importante.

JU - Como você avalia a importância do livro para a cultura brasileira? Donald - O livro é um elemento fundamental para o desenvolvimento do país. Os países em que se lê muito são os desenvolvidos e os países em que se lê pouco são como o nosso, com sérios problemas sociais e econômicos a resolver. Não podemos abandonar sair da situação em que estamos para aspirar o papel que gostariamos de desempenhar sem que esse problema seja efetivamente resolvido.

JU - Como você avalia a importância do livro para a cultura brasileira? Donald - O livro é um elemento fundamental para o desenvolvimento do país. Os países em que se lê muito são os desenvolvidos e os países em que se lê pouco são como o nosso, com sérios problemas sociais e econômicos a resolver. Não podemos abandonar sair da situação em que estamos para aspirar o papel que gostariamos de desempenhar sem que esse problema seja efetivamente resolvido.

JU - Como você avalia a importância do livro para a cultura brasileira? Donald - O livro é um elemento fundamental para o desenvolvimento do país. Os países em que se lê muito são os desenvolvidos e os países em que se lê pouco são como o nosso, com sérios problemas sociais e econômicos a resolver. Não podemos abandonar sair da situação em que estamos para aspirar o papel que gostariamos de desempenhar sem que esse problema seja efetivamente resolvido.

JU - Como você avalia a importância do livro para a cultura brasileira? Donald - O livro é um elemento fundamental para o desenvolvimento do país. Os países em que se lê muito são os desenvolvidos e os países em que se lê pouco são como o nosso, com sérios problemas sociais e econômicos a resolver. Não podemos abandonar sair da situação em que estamos para aspirar o papel que gostariamos de desempenhar sem que esse problema seja efetivamente resolvido.

JU - Como você avalia a importância do livro para a cultura brasileira? Donald - O livro é um elemento fundamental para o desenvolvimento do país. Os países em que se lê muito são os desenvolvidos e os países em que se lê pouco são como o nosso, com sérios problemas sociais e econômicos a resolver. Não podemos abandonar sair da situação em que estamos para aspirar o papel que gostariamos de desempenhar sem que esse problema seja efetivamente resolvido.

JU - Como você avalia a importância do livro para a cultura brasileira? Donald - O livro é um elemento fundamental para o desenvolvimento do país. Os países em que se lê muito são os desenvolvidos e os países em que se lê pouco são como o nosso, com sérios problemas sociais e econômicos a resolver. Não podemos abandonar sair da situação em que estamos para aspirar o papel que gostariamos de desempenhar sem que esse problema seja efetivamente resolvido.

JU - Como você avalia a importância do livro para a cultura brasileira? Donald - O livro é um elemento fundamental para o desenvolvimento do país. Os países em que se lê muito são os desenvolvidos e os países em que se lê pouco são como o nosso, com sérios problemas sociais e econômicos a resolver. Não podemos abandonar sair da situação em que estamos para aspirar o papel que gostariamos de desempenhar sem que esse problema seja efetivamente resolvido.

JU - Como você avalia a importância do livro para a cultura brasileira? Donald - O livro é um elemento fundamental para o desenvolvimento do país. Os países em que se lê muito são os desenvolvidos e os países em que se lê pouco são como o nosso, com sérios problemas sociais e econômicos a resolver. Não podemos abandonar sair da situação em que estamos para aspirar o papel que gostariamos de desempenhar sem que esse problema seja efetivamente resolvido.



FOTOS RENE JARDIM

se núcleos de cidades com população de origens alemã e italiana. Assim minha família foi para lá. Como criança ainda conheci esse tipo humano caboclo, um indivíduo que não tinha preocupações econômicas, trabalhava durante a semana e nos sábados e domingos ia para as bodegas - como a do meu pai.

JU - As bodegas eram lugares que vendiam de tudo... Donald - Sim, muitas eram como pequenos supermercados, vendiam cábacha, tecidos, calçados, secos e molhados. Pois então: no sábado e no domingo aqueles tipos se reuniam na bodega, gastavam tudo o que tinham e saíam de lá. Eu também vinha a trabalhar para gastar no outro fim de semana. Nos relatos do Contestado aparece inclusive que a ideia do dinheiro não estava na consciência deles. Mas aquilo foi muito importante porque era uma espécie de conagração de diferentes etnias. E quando terminou a construção da estrada de ferro, a companhia americana demitiu os operários que tinha trazido do centro do país. Demitiu no lugar em que estavam. Quer dizer: gente que tinha vindo de Salvador, do Rio de Janeiro, de vários lugares, e muitos poloneses que trabalhavam na estrada, de uma hora para outra ficaram sem emprego. Por sinal, um dos chefetes do Contestado chama-se "Alémzoinho". A própria população alemã entrou na composição daquele grupo de caboclos. Embora o Contestado tivesse semelhanças com Canudos pelo aspecto místico, pois apareceram monges, ou profetas...

JU - O senhor falou na mobilidade dos gaúchos, que se deu originalmente em busca de terra para plantar. Já os catarinenses, até mais ou menos os anos 60, faziam o caminho inverso, buscando Porto Alegre para completar ou aperfeiçoar seus estudos. Quando o senhor veio para Porto Alegre? Donald - Desde meus tempos no grupo escolar de Videira lembro que se notava nitidamente uma disputa entre dois centros de cultura, São Paulo e Porto Alegre. Havia uma indecisão, até uma tensão entre São Paulo e Porto Alegre, comercial e cultural, os livros que se usavam etc. Bom, vim para Porto Alegre para estudar, entrei no internato do Concórdia em 1945. O segundo grau não existia em Videira, esse é um fenômeno mais recente, da década de 60, quando o segundo grau começa a se difundir nas cidades do interior. Não havia outro jeito, ou eu seguia os estudos ou ia trabalhar na agricultura, na indústria, no que havia lá para se fazer. Vim para estudar e acabei ficando, casei aqui, enfim.

JU - E a ligação com as letras, com essa direção que sua vida profissional tomou, se dá como? Donald - Na minha vida todas as coisas aconteceram mais ou menos por acaso. No internato havia duas opções: ou a gente se interessava pelos esportes ou pelos livros. Podia-se fazer futebol, basquete; vôlei etc, mas as minhas tentativas de entrar nesse setor foram desastrosas, nunca tive êxito nenhum. O que restava? Criamos um círculo de leitores, que foi um sucedâneo: Começamos a ler coisas. Aos 15 anos, por exemplo, li a Crítica da Razão Pura, de Kant; discutíamos a questão do tempo e do espaço; não entendíamos coisa nenhuma, mas enfim...

JU - E a ligação com as letras, com essa direção que sua vida profissional tomou, se dá como? Donald - Na minha vida todas as coisas aconteceram mais ou menos por acaso. No internato havia duas opções: ou a gente se interessava pelos esportes ou pelos livros. Podia-se fazer futebol, basquete; vôlei etc, mas as minhas tentativas de entrar nesse setor foram desastrosas, nunca tive êxito nenhum. O que restava? Criamos um círculo de leitores, que foi um sucedâneo: Começamos a ler coisas. Aos 15 anos, por exemplo, li a Crítica da Razão Pura, de Kant; discutíamos a questão do tempo e do espaço; não entendíamos coisa nenhuma, mas enfim...

JU - E a ligação com as letras, com essa direção que sua vida profissional tomou, se dá como? Donald - Na minha vida todas as coisas aconteceram mais ou menos por acaso. No internato havia duas opções: ou a gente se interessava pelos esportes ou pelos livros. Podia-se fazer futebol, basquete; vôlei etc, mas as minhas tentativas de entrar nesse setor foram desastrosas, nunca tive êxito nenhum. O que restava? Criamos um círculo de leitores, que foi um sucedâneo: Começamos a ler coisas. Aos 15 anos, por exemplo, li a Crítica da Razão Pura, de Kant; discutíamos a questão do tempo e do espaço; não entendíamos coisa nenhuma, mas enfim...

JU - E a ligação com as letras, com essa direção que sua vida profissional tomou, se dá como? Donald - Na minha vida todas as coisas aconteceram mais ou menos por acaso. No internato havia duas opções: ou a gente se interessava pelos esportes ou pelos livros. Podia-se fazer futebol, basquete; vôlei etc, mas as minhas tentativas de entrar nesse setor foram desastrosas, nunca tive êxito nenhum. O que restava? Criamos um círculo de leitores, que foi um sucedâneo: Começamos a ler coisas. Aos 15 anos, por exemplo, li a Crítica da Razão Pura, de Kant; discutíamos a questão do tempo e do espaço; não entendíamos coisa nenhuma, mas enfim...

JU - E a ligação com as letras, com essa direção que sua vida profissional tomou, se dá como? Donald - Na minha vida todas as coisas aconteceram mais ou menos por acaso. No internato havia duas opções: ou a gente se interessava pelos esportes ou pelos livros. Podia-se fazer futebol, basquete; vôlei etc, mas as minhas tentativas de entrar nesse setor foram desastrosas, nunca tive êxito nenhum. O que restava? Criamos um círculo de leitores, que foi um sucedâneo: Começamos a ler coisas. Aos 15 anos, por exemplo, li a Crítica da Razão Pura, de Kant; discutíamos a questão do tempo e do espaço; não entendíamos coisa nenhuma, mas enfim...

JU - E a ligação com as letras, com essa direção que sua vida profissional tomou, se dá como? Donald - Na minha vida todas as coisas aconteceram mais ou menos por acaso. No internato havia duas opções: ou a gente se interessava pelos esportes ou pelos livros. Podia-se fazer futebol, basquete; vôlei etc, mas as minhas tentativas de entrar nesse setor foram desastrosas, nunca tive êxito nenhum. O que restava? Criamos um círculo de leitores, que foi um sucedâneo: Começamos a ler coisas. Aos 15 anos, por exemplo, li a Crítica da Razão Pura, de Kant; discutíamos a questão do tempo e do espaço; não entendíamos coisa nenhuma, mas enfim...

JU - E a ligação com as letras, com essa direção que sua vida profissional tomou, se dá como? Donald - Na minha vida todas as coisas aconteceram mais ou menos por acaso. No internato havia duas opções: ou a gente se interessava pelos esportes ou pelos livros. Podia-se fazer futebol, basquete; vôlei etc, mas as minhas tentativas de entrar nesse setor foram desastrosas, nunca tive êxito nenhum. O que restava? Criamos um círculo de leitores, que foi um sucedâneo: Começamos a ler coisas. Aos 15 anos, por exemplo, li a Crítica da Razão Pura, de Kant; discutíamos a questão do tempo e do espaço; não entendíamos coisa nenhuma, mas enfim...

Donald - O movimento concretista começou a divulgar Ezra Pound, Elliot, Joyce, aí apareceu a tradução do Antonio Houaiss sobre Ulisses, e comecei a fazer estudos comparativos entre este livro e a literatura antiga. Enfim: incorporei as duas coisas, o que me levou a Finnegans Wake. Por isso, considero a literatura ocidental uma literatura em construção.

JU - Antes de voltarmos a esse assunto, uma pequena regressão. O senhor é literano; em algum momento do passado houve alguma dificuldade, ou algum tipo de desconfiança, dos católicos em relação ao senhor? Donald - Naquela época se estava em um período de revisão total sobre essa questão. O professor Armando Câmara foi o último pensador católico, atuante, em Porto Alegre. Aí apareceu a geração existencialista, e meu ingresso na Universidade coincidiu mais ou menos com o ingresso do Gerd Bornheim, que teve uma influência fundamental no aspecto de repensar tudo. Ele escreveu e lia textos que inflamavam auditórios lotados de jovens. Logo chegaram Enéas de Souza, Bruno Kiefer, Carlos Jorge Appel, Ruy Carlos Ostermann, o Scarinci em artes plásticas, e nós nos aproximamos, e trabalhávamos juntos. Na mesma época, Nietzsche era muito lido e também Kierkegaard, que foi fundamental em minha formação.

JU - Mas sobre sua condição literana? Donald - De fato houve historicamente diferenças ideológicas, que aliás ainda existem em algumas partes da Europa. Mas situações marginais de conflito apaixonado, ligado a interesses que não são propriamente religiosos, como na Irlanda e na antiga Tchecoslováquia, me parece que não atingem o centro do cristianismo. O cristianismo tem uma tradição que vem da Idade Média e atravessa o Ocidente no sentido do pensamento. Acho que suas teses continuam valendo e não há por que não serem pensadas pelas mentes livres.

JU - Mas sobre sua condição literana? Donald - De fato houve historicamente diferenças ideológicas, que aliás ainda existem em algumas partes da Europa. Mas situações marginais de conflito apaixonado, ligado a interesses que não são propriamente religiosos, como na Irlanda e na antiga Tchecoslováquia, me parece que não atingem o centro do cristianismo. O cristianismo tem uma tradição que vem da Idade Média e atravessa o Ocidente no sentido do pensamento. Acho que suas teses continuam valendo e não há por que não serem pensadas pelas mentes livres.

JU - Mas sobre sua condição literana? Donald - De fato houve historicamente diferenças ideológicas, que aliás ainda existem em algumas partes da Europa. Mas situações marginais de conflito apaixonado, ligado a interesses que não são propriamente religiosos, como na Irlanda e na antiga Tchecoslováquia, me parece que não atingem o centro do cristianismo. O cristianismo tem uma tradição que vem da Idade Média e atravessa o Ocidente no sentido do pensamento. Acho que suas teses continuam valendo e não há por que não serem pensadas pelas mentes livres.

JU - Mas sobre sua condição literana? Donald - De fato houve historicamente diferenças ideológicas, que aliás ainda existem em algumas partes da Europa. Mas situações marginais de conflito apaixonado, ligado a interesses que não são propriamente religiosos, como na Irlanda e na antiga Tchecoslováquia, me parece que não atingem o centro do cristianismo. O cristianismo tem uma tradição que vem da Idade Média e atravessa o Ocidente no sentido do pensamento. Acho que suas teses continuam valendo e não há por que não serem pensadas pelas mentes livres.

JU - Mas sobre sua condição literana? Donald - De fato houve historicamente diferenças ideológicas, que aliás ainda existem em algumas partes da Europa. Mas situações marginais de conflito apaixonado, ligado a interesses que não são propriamente religiosos, como na Irlanda e na antiga Tchecoslováquia, me parece que não atingem o centro do cristianismo. O cristianismo tem uma tradição que vem da Idade Média e atravessa o Ocidente no sentido do pensamento. Acho que suas teses continuam valendo e não há por que não serem pensadas pelas mentes livres.

JU - Mas sobre sua condição literana? Donald - De fato houve historicamente diferenças ideológicas, que aliás ainda existem em algumas partes da Europa. Mas situações marginais de conflito apaixonado, ligado a interesses que não são propriamente religiosos, como na Irlanda e na antiga Tchecoslováquia, me parece que não atingem o centro do cristianismo. O cristianismo tem uma tradição que vem da Idade Média e atravessa o Ocidente no sentido do pensamento. Acho que suas teses continuam valendo e não há por que não serem pensadas pelas mentes livres.

JU - Mas sobre sua condição literana? Donald - De fato houve historicamente diferenças ideológicas, que aliás ainda existem em algumas partes da Europa. Mas situações marginais de conflito apaixonado, ligado a interesses que não são propriamente religiosos, como na Irlanda e na antiga Tchecoslováquia, me parece que não atingem o centro do cristianismo. O cristianismo tem uma tradição que vem da Idade Média e atravessa o Ocidente no sentido do pensamento. Acho que suas teses continuam valendo e não há por que não serem pensadas pelas mentes livres.

JU - Mas sobre sua condição literana? Donald - De fato houve historicamente diferenças ideológicas, que aliás ainda existem em algumas partes da Europa. Mas situações marginais de conflito apaixonado, ligado a interesses que não são propriamente religiosos, como na Irlanda e na antiga Tchecoslováquia, me parece que não atingem o centro do cristianismo. O cristianismo tem uma tradição que vem da Idade Média e atravessa o Ocidente no sentido do pensamento. Acho que suas teses continuam valendo e não há por que não serem pensadas pelas mentes livres.

JU - Mas sobre sua condição literana? Donald - De fato houve historicamente diferenças ideológicas, que aliás ainda existem em algumas partes da Europa. Mas situações marginais de conflito apaixonado, ligado a interesses que não são propriamente religiosos, como na Irlanda e na antiga Tchecoslováquia, me parece que não atingem o centro do cristianismo. O cristianismo tem uma tradição que vem da Idade Média e atravessa o Ocidente no sentido do pensamento. Acho que suas teses continuam valendo e não há por que não serem pensadas pelas mentes livres.

Grécia foi eminentemente popular. A cultura grega teve a vantagem de pensar sobre o seu cotidiano. Inclusive termos como "logos", que deu uma sofisticação doida no Ocidente, era uma palavra comum, coloquial. Então: se se une o modernismo brasileiro e a cultura grega, o que nós temos que fazer? Essa é minha posição enquanto helenista, pensar a coisa concreta, que o mundo começa aqui e agora. Um dos erros do século 18 foi botar o helenismo numa esfera que não tinha mais nada a ver com a realidade. E me parece que esta é também a tarefa da filosofia brasileira.

JU - Por quê? Donald - Apesar de tudo o que já produziu, nossa filosofia ainda está muito voltada à interpretação de autores europeus, digamos Hegel, Marx... O marxismo no Brasil eu acho uma ideia fora do lugar. Isso já superamos em sociologia, temos uma corrente sociológica muito forte voltada para as coisas brasileiras. Mas o mesmo não se nota em filosofia. A filosofia acontece no Brasil não nos seus lugares, digamos, próprios, mas no Padre Antônio Vieira, em Machado de Assis, em Drummond de Andrade e alguns outros, que são os lugares de uma filosofia criativa. Pensar o Brasil filosoficamente ainda é uma tarefa nossa. Enquanto pensador e ficcionista eu venho pensando nisto, inclusive olhando o Brasil como país periférico - e tomando a periferia como elemento positivo, um elemento a ser considerado. E dentro disso, inclusive a situação periférica do Rio Grande do Sul com respeito ao centro do país. Esse é o meu contexto, estou aqui, fora de quaisquer considerações "éticas".

Fischer - Uma das definições boas de intelectual que li esses tempos é esta: intelectual é o sujeito que não reduz a complexidade das coisas... Donald - Pois é, e essa é uma das vantagens de Joyce.

JU - Uma pergunta de Enéas de Souza, aliás já citado aqui: por que o senhor não faz cursos discutindo as diferenças entre a antiguidade e a "modernidade"? Que tal uma relação Heráclito e Joyce como motivação básica? Donald - Eu já estou fazendo. Há um fenômeno muito curioso em Porto Alegre que são as sociedades psicanalíticas. Trabalho em várias já há 20 anos, e são elas que estão fazendo isto. Quer dizer: depois de uma fase ortodoxa freudiana, os psicanalistas estão preocupados com tudo, filosofia, artes plásticas, cinema, literatura etc. Inclusive foi uma sociedade psicanalítica que me levou a traduzir Joyce, não a Universidade, dentro da qual eu não a teria feito.

JU - Uma pergunta de Enéas de Souza, aliás já citado aqui: por que o senhor não faz cursos discutindo as diferenças entre a antiguidade e a "modernidade"? Que tal uma relação Heráclito e Joyce como motivação básica? Donald - Eu já estou fazendo. Há um fenômeno muito curioso em Porto Alegre que são as sociedades psicanalíticas. Trabalho em várias já há 20 anos, e são elas que estão fazendo isto. Quer dizer: depois de uma fase ortodoxa freudiana, os psicanalistas estão preocupados com tudo, filosofia, artes plásticas, cinema, literatura etc. Inclusive foi uma sociedade psicanalítica que me levou a traduzir Joyce, não a Universidade, dentro da qual eu não a teria feito.

JU - Uma pergunta de Enéas de Souza, aliás já citado aqui: por que o senhor não faz cursos discutindo as diferenças entre a antiguidade e a "modernidade"? Que tal uma relação Heráclito e Joyce como motivação básica? Donald - Eu já estou fazendo. Há um fenômeno muito curioso em Porto Alegre que são as sociedades psicanalíticas. Trabalho em várias já há 20 anos, e são elas que estão fazendo isto. Quer dizer: depois de uma fase ortodoxa freudiana, os psicanalistas estão preocupados com tudo, filosofia, artes plásticas, cinema, literatura etc. Inclusive foi uma sociedade psicanalítica que me levou a traduzir Joyce, não a Universidade, dentro da qual eu não a teria feito.

JU - Uma pergunta de Enéas de Souza, aliás já citado aqui: por que o senhor não faz cursos discutindo as diferenças entre a antiguidade e a "modernidade"? Que tal uma relação Heráclito e Joyce como motivação básica? Donald - Eu já estou fazendo. Há um fenômeno muito curioso em Porto Alegre que são as sociedades psicanalíticas. Trabalho em várias já há 20 anos, e são elas que estão fazendo isto. Quer dizer: depois de uma fase ortodoxa freudiana, os psicanalistas estão preocupados com tudo, filosofia, artes plásticas, cinema, literatura etc. Inclusive foi uma sociedade psicanalítica que me levou a traduzir Joyce, não a Universidade, dentro da qual eu não a teria feito.

JU - Uma pergunta de Enéas de Souza, aliás já citado aqui: por que o senhor não faz cursos discutindo as diferenças entre a antiguidade e a "modernidade"? Que tal uma relação Heráclito e Joyce como motivação básica? Donald - Eu já estou fazendo. Há um fenômeno muito curioso em Porto Alegre que são as sociedades psicanalíticas. Trabalho em várias já há 20 anos, e são elas que estão fazendo isto. Quer dizer: depois de uma fase ortodoxa freudiana, os psicanalistas estão preocupados com tudo, filosofia, artes plásticas, cinema, literatura etc. Inclusive foi uma sociedade psicanalítica que me levou a traduzir Joyce, não a Universidade, dentro da qual eu não a teria feito.

JU - Uma pergunta de Enéas de Souza, aliás já citado aqui: por que o senhor não faz cursos discutindo as diferenças entre a antiguidade e a "modernidade"? Que tal uma relação Heráclito e Joyce como motivação básica? Donald - Eu já estou fazendo. Há um fenômeno muito curioso em Porto Alegre que são as sociedades psicanalíticas. Trabalho em várias já há 20 anos, e são elas que estão fazendo isto. Quer dizer: depois de uma fase ortodoxa freudiana, os psicanalistas estão preocupados com tudo, filosofia, artes plásticas, cinema, literatura etc. Inclusive foi uma sociedade psicanalítica que me levou a traduzir Joyce, não a Universidade, dentro da qual eu não a teria feito.

JU - Uma pergunta de Enéas de Souza, aliás já citado aqui: por que o senhor não faz cursos discutindo as diferenças entre a antiguidade e a "modernidade"? Que tal uma relação Heráclito e Joyce como motivação básica? Donald - Eu já estou fazendo. Há um fenômeno muito curioso em Porto Alegre que são as sociedades psicanalíticas. Trabalho em várias já há 20 anos, e são elas que estão fazendo isto. Quer dizer: depois de uma fase ortodoxa freudiana, os psicanalistas estão preocupados com tudo, filosofia, artes plásticas, cinema, literatura etc. Inclusive foi uma sociedade psicanalítica que me levou a traduzir Joyce, não a Universidade, dentro da qual eu não a teria feito.

psicanalista que busca conceito psicanalítico na literatura. O que muda a situação.

Fischer - O senhor disse que se fosse pela Universidade não teria feito essa tradução. Falando em termos gerais e já que hoje pode fazer um balanço, depois de uma vida inteira dentro e agora fora, como o senhor vê a vida universitária?

Donald - Quando entrei na Universidade havia a antiga Faculdade de Filosofia, que, como dizia o Luís Pilla, era uma universidade dentro da Universidade. Ela acolhia cientistas naturais, história, geografia, letras, filosofia etc; as humanidades estavam lá. O Pilla queria fazer desse modelo um modelo para a Universidade. Mas aí entrou outra influência, obviamente norte-americana, que durante o regime militar e por motivos políticos claros, fragmentou tudo. Antes tínhamos uma congregação de professores, na hora do cafezinho conversávamos com um cientista, com historiadores etc. Hoje, quem estuda textos clássicos não fala nem com um sujeito que está no setor de línguas modernas, não é? Fragmenta-se tudo! Nesta universidade não seria nem tecnicamente possível eu traduzir Joyce, seria talvez até uma ofensa.

"Imagino que se deva criar um sistema que leve o livro a toda a população. O livro deve visto como infraestrutura. Para começar, não seria difícil que as empresas criassem bibliotecas dentro de suas dependências."

Fischer - É uma limitação terrível, muita coisa pode estar se perdendo.

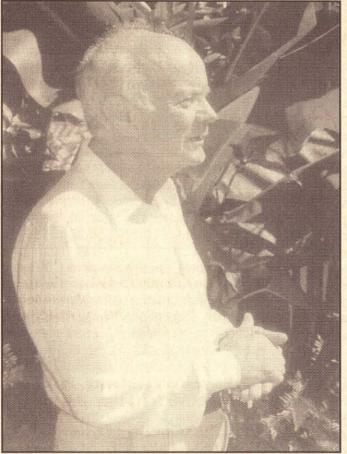
Donald - Sim, mas estive no Canadá e lá não é diferente. Parece haver um plano de controle da intelectualidade. Como dominá-la? Especializando-a. O sujeito só funciona em seu setor, não pensa sobre a totalidade. Por essa ideia, a universidade está matando o seu pensamento em vez de estimulá-lo. Exemplo: o sujeito é especialista em Hegel, só em Hegel. Por: há o Hegel da velhice e o da juventude, cada um com seu especialista. Isto começou nas ciências exatas e se transferiu para as ciências humanas. Dizem ser um mérito do que se chama pós-modernidade, que vem rompendo fronteiras. Mas precisamos repensar a pós-modernidade também. Lembro que na época do modernismo brasileiro o Alceu Amoroso Lima dizia que o modernismo era um movimento sobretudo contábil. Esse sempre foi o comportamento da modernidade, e acho que um elemento positivo da época que estamos vivendo é que podemos sempre pensar contra. Sigo achando que devemos pensar contra, o que significa termos uma posição. Contra os nacionalismos, por exemplo. Hoje também fala-se sem parar em globalidade, mas veja que o termo foi deturpado; a globalidade que combatemos é uma globalidade hegemônica dominada por um determinado setor. Agora, a superação dos nacionalismos, o contato com as diferentes culturas, pensar o fenômeno humano na sua globalidade eu considero um dever nosso. Uma das grandes lições da psicanálise é ouvir o outro, pensar o outro, entender o outro, aceitar o outro. Mas voltando à pós-modernidade, acho que um de seus elementos negativos é que se perdeu um conceito crítico. Pretendo fazer uma síntese: tomar a crítica da modernidade e introduzi-la nesse movimento pós-crítico. Um problema que sofremos hoje é o da epigonia, em que se mistura tudo. Temos que redescobrir um elemento de criação. E acho que isso já começa a ocorrer nas artes plásticas. Para citar um nome gaúcho, Regina Silveira. Alguns trabalhos dela são efetivamente de boa qualidade.

JU - Outra pergunta de Enéas de Souza: quando o senhor vai publicar o conjunto das suas obras - romances, críticas, traduções - numa editora única? Donald - Ah, não vou fazer nunca, isso fica por Fischer, quando eu tiver morrido...

Fischer - Faz poucos anos que o patrono da Feira passou a ser uma figura assim meio deputado, o sujeito se sente representante do mundo das letras junto à opinião, e resulta que ele acaba tendo uma agenda pesadíssima. Qual sua expectativa?

Donald - No ano passado nós tivemos a circulação de um milhão de pessoas na Feira. Estou pensando em levar este um milhão a dois milhões. Fazer a totalidade da população de Porto Alegre passar pela Feira, direta ou indiretamente. E além do mais, que a Feira do Livro, pela projeção que tem, influa efetivamente para que o livro entre na vida da pessoas. Um dos nossos problemas é a diferença entre os salários e o que custa o livro; então, imagino que se deva criar um sistema que leve o livro a toda uma população, inclusive às vilas operárias. Para começar, não seria difícil que as próprias indústrias criassem bibliotecas dentro de suas dependências. E que se faça também o monitoramento do leitor.

JU - Como? Donald - As pessoas estão acostumadas à notícia rápida na imprensa. Agora, as coisas não têm experiência de leitura de livros, em que se tem que passar de um parágrafo para outro, de um capítulo para outro, ficam completamente desorientadas. É a mesma situação que passar de uma música de dois a três minutos para uma ópera de uma hora e meia. Quer dizer: é preciso uma introdução para o processo da leitura. A ideia é colocar monitores para pessoas que queiram ler; monitores que cheguem sem conceitos de valor - do tipo "isto não presta" - e sim seguindo a vontade de leitura das pessoas, seja sobre viagens, sobre história, ficção e assim por diante. O importante é que a pessoa leia e que a própria leitura faça sua própria crítica. Se quiser ler sobre bruxaria, que se lhe dê um livro sobre bruxaria e que ela leia sobre isso, e pense sobre isso. O livro deve ser visto como infraestrutura, não como superestrutura; é elemento fundamental para que se possa pensar em dar início a uma mudança da consciência do Brasil sobre si próprio. Só a partir daí poderemos mudá-lo.

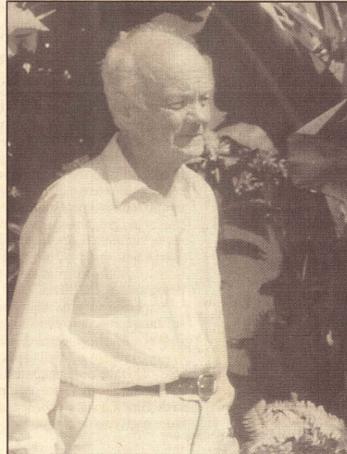


"Tenho um comportamento joyceano, quero a literatura como algo vivo. Homero é um autor vivo, é vivo hoje ou então ele não interessa. A literatura ocidental deve ser vista como uma construção contínua."

JU - Sua notoriedade já vinha de algum tempo, sendo impulsionada pela tradução de Joyce, não é mesmo? Donald - Em literatura esta é uma situação lenta, acho que inclusive alguns jovens devem estar advertidos para isto. A ânsia de aparecer me acienta quando jovem. O primeiro livro é muito importante na vida da gente e muitos esperam que com ele a notoriedade venha. Mas em literatura isso de um modo geral não acontece. É um processo lento, repito. Meu primeiro livro, de 1972, chamava-se Aspectos Estruturais na Ilíada. Minha atividade de ensaísta, ficcionista e poeta sempre foi mais ou menos uma reação ante as solicitações. Naquele tempo se lia muito a Ilíada em Porto Alegre e eu dava cursos sobre o tema. Inclusive o Cláudio Moreno, agora fazendo sucesso com seu livro Tróia, foi meu aluno, quer dizer, o livro dele de certa forma é uma consequência daquelas aulas. Agora vou lançar a segunda edição, pela L&PM, e mudei o título para A Construção da Ilíada.

Luis Augusto Fischer - Aquele outro era um título de época... Donald - Sim, o estruturalismo tinha aparecido e a gente entrou nessa vaga. Com todos os aspectos negativos que ti-

"A bitola da ferrovia foi feita para impedir uma invasão argentina. Pois quem se serviu dela foi Vargas, quem chegou de trem ao Rio não foram caudilhos argentinos e sim um caudilho gaúcho..."



"O Contestado não teve o seu Euclides da Cunha, mas está muito presente na consciência de Santa Catarina. Sou culturalmente um pouco daquilo e, ao escrever sobre o episódio, saldei uma dívida com meu passado."

JU - Como aqui os Mucker... Donald - Sim, perfeito. Embora tivesse estas semelhanças, o Contestado se caracterizava pela multiplicidade étnica e pelos moradores estavam espalhados na região, não concentrados em um lugar, como em Canudos. Mas, como lá, o problema acabou sendo tratado militarmente. No Contestado eles se deslocavam pelos matos com facilidade e tinham um serviço de espionagem bem desenvolvido, enganavam os militares, o que fez com que a guerra se estendesse de 1912 a 1916. Eram monarquistas, pois do ponto de vista deles a monarquia ou tinha tratado bem; enquanto a república os tinha desalojado das suas terras e os perseguia. Na última fase foi nomeado um dos maiores generais da época, Setembrino de Carvalho, que cercou a região. Quem não se entregasse era morto, ou morria de fome. Inclusive a

"O cristianismo tem uma tradição que vem da Idade Média e atravessa o Ocidente no sentido do pensamento. Acho que suas teses continuam valendo e não há por que não serem pensadas pelas mentes livres."

JU - E a ligação com as letras, com essa direção que sua vida profissional tomou, se dá como? Donald - Na minha vida todas as coisas aconteceram mais ou menos por acaso. No internato havia duas opções: ou a gente se interessava pelos esportes ou pelos livros. Podia-se fazer futebol, basquete; vôlei etc, mas as minhas tentativas de entrar nesse setor foram desastrosas, nunca tive êxito nenhum. O que restava? Criamos um círculo de leitores, que foi um sucedâneo: Começamos a ler coisas. Aos 15 anos, por exemplo, li a Crítica da Razão Pura, de Kant; discutíamos a questão do tempo e do espaço; não entendíamos coisa nenhuma, mas enfim...

JU - E a ligação com as letras, com essa direção que sua vida profissional tomou, se dá como? Donald - Na minha vida todas as coisas aconteceram mais ou menos por acaso. No internato havia duas opções: ou a gente se interessava pelos esportes ou pelos livros. Podia-se fazer futebol, basquete; vôlei etc, mas as minhas tentativas de entrar nesse setor foram desastrosas, nunca tive êxito nenhum. O que restava? Criamos um círculo de leitores, que foi um sucedâneo: Começamos a ler coisas. Aos 15 anos, por exemplo, li a Crítica da Razão Pura, de Kant; discutíamos a questão do tempo e do espaço; não entendíamos coisa nenhuma, mas enfim...

JU - E a ligação com as letras, com essa direção que sua vida profissional tomou, se dá como? Donald - Na minha vida todas as coisas aconteceram mais ou menos por acaso. No internato havia duas opções: ou a gente se interessava pelos esportes ou pelos livros. Podia-se fazer futebol, basquete; vôlei etc, mas as minhas tentativas de entrar nesse setor foram desastrosas, nunca tive êxito nenhum. O que restava? Criamos um círculo de leitores, que foi um sucedâneo: Começamos a ler coisas. Aos 15 anos, por exemplo, li a Crítica da Razão Pura, de Kant; discutíamos a questão do tempo e do espaço; não entendíamos coisa nenhuma, mas enfim...

JU - E a ligação com as letras, com essa direção que sua vida profissional tomou, se dá como? Donald - Na minha vida todas as coisas aconteceram mais ou menos por acaso. No internato havia duas opções: ou a gente se interessava pelos esportes ou pelos livros. Podia-se fazer futebol, basquete; vôlei etc, mas as minhas tentativas de entrar nesse setor foram desastrosas, nunca tive êxito nenhum. O que restava? Criamos um círculo de leitores, que foi um sucedâneo: Começamos a ler coisas. Aos 15 anos, por exemplo, li a Crítica da Razão Pura, de Kant; discutíamos a questão do tempo e do espaço; não entendíamos coisa nenhuma, mas enfim...

CAMPUS

Conheça a nova Administração Central

O professor José Carlos Ferraz Hennemann tomou posse no cargo de reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no MEC, em Brasília, no dia 22 de setembro passado. Como vice-reitor, assumiu o professor Pedro Cezar Dutra Fonseca. A transmissão de cargo ocorreu em sessão solene, no Salão de Ato da universidade, no dia 24 de outubro, às 10 horas. Na mesma solenidade foi dada posse a todos os integrantes da nova administração central da UFRGS para o quadriênio 2004-2008. Em seu primeiro pronunciamento como reitor, Hennemann reafirmou o compromisso de defender com intransigência a universidade pública, gratuita, autônoma e com excelência acadêmica. A atual gestão traz novidades: foi criada a Pró-reitoria de Coordenação Acadêmica, a cargo do vice-reitor, e a Secretaria de Comunicação Social. Veja, a seguir, a lista dos novos pró-reitores e secretários.

Pró-reitor de Coordenação Acadêmica:
Pedro Cezar Dutra Fonseca

O economista, pesquisador do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) e professor titular do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS, desde 1978, Pedro Cezar Dutra Fonseca é doutor em Economia pela Universidade de São Paulo (USP). Ele foi diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, presidente da Câmara de Pesquisa, pró-reitor de Pesquisa e presidente da Fapergs (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul). Agora, a pró-reitoria de Coordenação Acadêmica abrangerá a Pesquisa e a Extensão e todas as atividades fins da Universidade. Também coordenará as secretarias de Avaliação Institucional, Educação a Distância, Relações Institucionais e Internacionais e as coordenadorias de Ensino Básico e Profissional. A nova pró-reitoria é uma ampliação das atividades da Pró-reitoria de Ensino, que englobava a Graduação e a Pós-graduação, e fará a integração entre todas as áreas acadêmicas.

Pró-reitor de Graduação:
Carlos Alexandre Netto

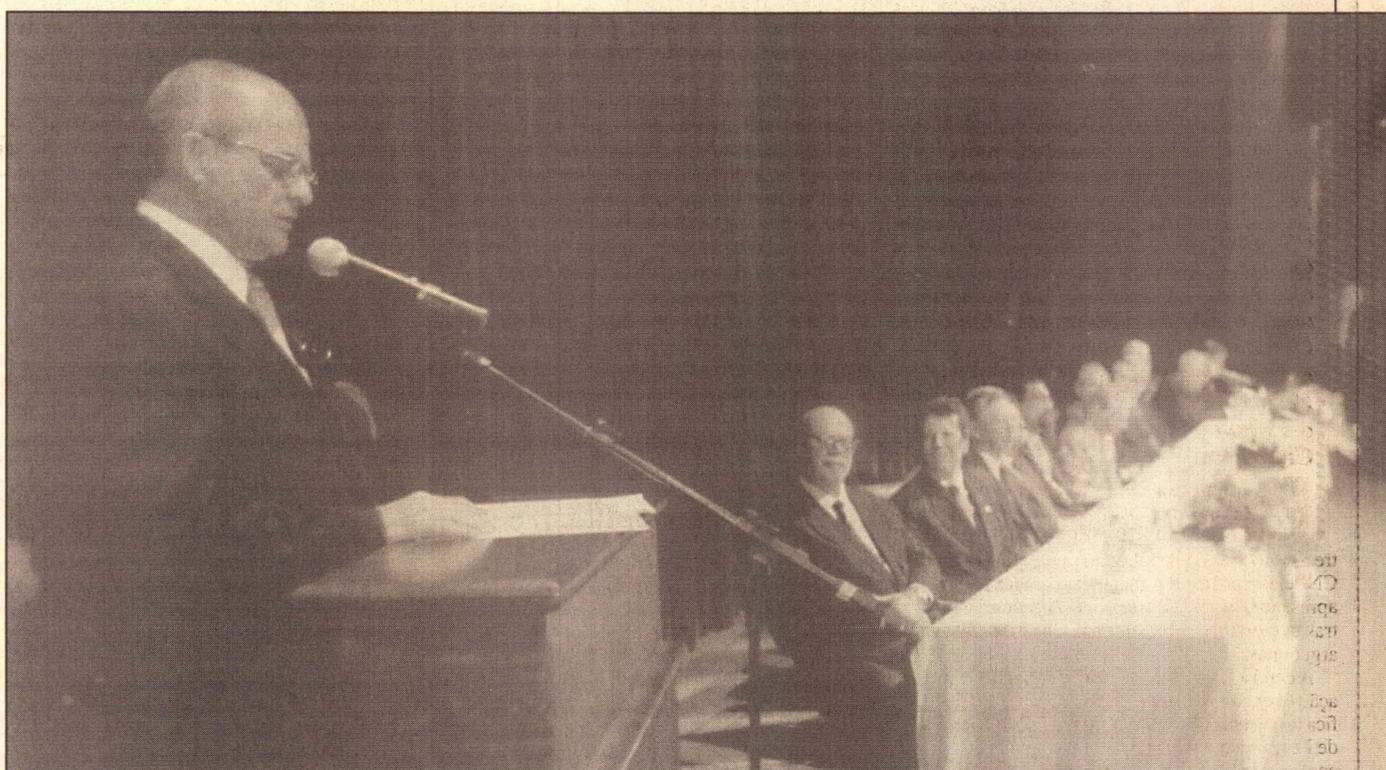
Carlos Alexandre Netto é formado em Medicina e doutor em Bioquímica pela UFRGS, com pós-doutorado no Instituto de Psiquiatria em Londres. Desde 1987 é professor do Departamento de Bioquímica, atuando na graduação, pós-graduação, pesquisa e orientação. Na graduação, destaca a emergência da adequação dos cursos às novas diretrizes curriculares e o desenvolvimento das licenciaturas. Também prevê a criação de uma estrutura de apoio pedagógico aos cursos. Em relação ao ensino, bibliotecas, salas de aula e laboratórios deverão acompanhar os avanços das ciências que requerem práticas mais evoluídas.

Pró-reitor de Pesquisa:
Cesar Augusto Zen Vasconcellos

É físico e professor da UFRGS desde 1978. Foi chefe do Departamento de Física, coordenador do Fórum Estadual de Ciência e Tecnologia e assessor da Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia. Também é mestre e doutor pela UFRGS e tem pós-doutorado na Alemanha. O novo pró-reitor encontrou atividades em andamento: a inclusão da UFRGS na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e o XVI Salão e a XIII Feira de Iniciação Científica. Nos seus primeiros dias de gestão, foi concluído e encaminhado a Brasília o mapeamento dos grupos de Pesquisa e Diretórios dos Núcleos de Pesquisa do CNPq.

Pró-reitora de Pós-graduação:
Valquíria Link Bassani

Graduada em Farmácia, com mestrado em Ciências Farmacêuticas e doutorado na área de farmacotecnia, Valquíria está na UFRGS desde 1984. Entre outras atividades, participou da implantação do curso de doutorado em Farmácia e coordenou o acordo Brasil/França, através da Capes e Cofecub. Antes de assumir a Pró-reitoria, ela era diretora da Faculdade de Farmácia. A pró-reitora constata que os objetivos da Pós-graduação desta universidade vão ao encontro do Plano Nacional da Pós-graduação, com o objetivo de qualificar cada vez mais os programas, tendo por meta o paradigma institucional. Reco-



O reitor José Carlos Ferraz Hennemann, no discurso de posse, reafirmou o compromisso de defender a universidade pública

nhecendo o potencial dos programas de pós-graduação da UFRGS, a Pró-reitora afirma, porém, que o número de professores para a expansão prevista no plano é insuficiente. "Esta é uma limitação das Ifes." Para suprir a carência, espera que os financiamentos previstos no plano cheguem às universidades, este será um dos principais focos de sua atuação na Pró-reitoria.

Pró-reitor de Extensão:
Antônio Carlos Guimarães

Licenciado pela UFRGS em Educação Física, Antônio Carlos Guimarães fez mestrado em Biomecânica nos Estados Unidos e doutorado no Canadá. Em 1978, ingressou na Escola de Educação Física da UFRGS, tendo sido seu diretor. Como pró-reitor, Guimarães concorda que a Extensão é uma excelente oportunidade de a Universidade interagir com a comunidade, através de quatro ações básicas: fomentar, provocar, apoiar e articular atividades. Sua atuação é sensível por meio de iniciativas educacionais, de desenvolvimento social, cultural, de intensa integração com as demais pró-reitorias acadêmicas e a participação da comunidade. A interação com os diversos segmentos sociais é uma das metas da Pró-reitoria.

Pró-reitora de Planejamento e Administração:
Maria Aparecida Grendene de Souza

Economista e bacharel em Filosofia formada pela UFRGS, Maria Aparecida Grendene de Souza atuou na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), em São Paulo, e na UFRGS. Foi economista do Banco Central e trabalhou na Secretaria da Coordenação e Planejamento do Rio Grande do Sul. Para Maria Aparecida, a Pró-reitoria de Planejamento e Administração tem uma função mediadora. "Temos que receber as demandas da Universidade, nos seus diferentes segmentos, e ajustá-las a um orçamento. Também é preciso cuidar das nossas fontes de recursos próprios para atender aos projetos que são indispensáveis e reforçam a Universidade na sua grande tarefa de formação profissional." Ela considera a informatização como prioridade no desenvolvimento da comunicação interna e externa da Universidade.

Pró-reitora de Recursos Humanos:
Maria Adélia Pinhal de Carlos

A nova pró-reitora de Recursos Humanos tem graduação, licenciatura e bacharelado em História e pós-graduação em Educação pela UFRGS. Uma das prioridades de Maria Adélia é o novo enquadramento dos técnicos-administrativos. "O trabalho dos técnicos não pode ser visto como subemprego. É fundamental para que outras instâncias da Universidade atuem conforme os princípios que norteiam a instituição." Outro objetivo será fazer com que os três departamentos que compõem a Pró-reitoria (Desenvolvimento de Recursos Humanos, Assuntos da Comunidade Universitária e Administração de Recursos Humanos) atuem em consonância. Maria Adélia também planeja uma série de seminários internos para qualificar os técnicos-administrativos, bem como um trabalho permanente com as direções de Unidades.

Superintendente de Infra-estrutura:
Darci Barnech Campani

É formado em Engenharia Agrônoma

pela UFRGS, professor-adjunto com especialização pela Unicamp em Máquinas Agrícolas e doutor pelo Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade em Saneamento Ambiental. Entre os objetivos para a Superintendência, está a melhoria no processo de gestão e nas condições de trabalho dos funcionários. Estão planejados o aumento do número de técnicos-administrativos e a requalificação no trabalho, buscando o que Campani denomina de serviço público de qualidade. "Alguns procedimentos passam a ser rotineiros. É preciso estudar, reavaliar e redimensionar esses procedimentos para se ter um trabalho mais eficiente", diz.

Secretário de Assuntos Estudantis:
Angelo Ronaldo Pereira da Silva

Desde dezembro de 2003, Angelo Ronaldo Pereira da Silva atua como secretário da SAE. É formado em Administração de Empresas pela Faculdade Porto-alegrense, com especialização em Gestão Universitária pela UFRGS. Um dos planos da nova administração é a ampliação do Restaurante Universitário do Campus do Vale. Também está prevista uma reforma na cozinha do RU-Centro. O projeto já está na Prefeitura Universitária aguardando liberação. Em 2005, serão concluídas as reformas das colônias de férias de Tramandaí e Capão Novo. Será lançado um concurso dirigido aos estudantes da Faculdade de Arquitetura para a criação do projeto de um auditório com 250 lugares a ser instalado na colônia de Tramandaí. A assistência estudantil será ampliada.

Secretária de Avaliação Institucional:
Ana Maria Braga

À frente da Secretaria desde 2002, Ana Maria é doutora em Educação com especialização em educação superior. Fez parte do grupo que implantou o Programa de Avaliação Institucional da UFRGS, sob a coordenação da professora Denise Leite. Entre seus planos, está manter a complexidade do programa interno instituído em 2003 em todas as unidades - inclusive no Colégio de Aplicação e na Escola Técnica - adequando-o ao programa nacional. "Estou confiante de que teremos êxito nessa empreitada. Além disso, dentro do sistema nacional teremos mais força para desenvolver o nosso programa de avaliação interna."

Secretário de Educação a Distância:
Julio Alberto Nitzke

Formado em Engenharia Química, entrou na UFRGS em 1995 como docente do Instituto de Ciência e Tecnologia dos Alimentos (ICTA), integra a Câmara de Graduação e o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE). Nitzke considera que a função da Secretaria é dar um perfil institucional aos projetos em desenvolvimento, consolidando o Sistema de Educação a Distância da UFRGS, e ampliar o número de unidades envolvidas. Outra meta é dar andamento aos recentes convênios firmados com o Ministério da Educação: um trata da formação de professores em licenciatura das áreas de Física, Matemática e Pedagogia; outro, em fase inicial, é dirigido ao ensino fundamental através da criação do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Educação em Artes e Educação Física.

Secretária de Desenvolvimento Tecnológico:
Maria Alice Lahorgue

Economista formada na UFRGS, doutora em Economia Regional pela Universidade de Paris, Maria Alice Lahorgue reassumiu a Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico. É professora do curso de Ciências Econômicas, do Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) e do Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (Propur). Ela considera importante a manutenção e ampliação da rede de incubadoras, que nos últimos dois anos capitalizou cerca de R\$ 1 milhão. Esses recursos beneficiaram seis incubadoras existentes na Universidade e as mais de 20 empresas nelas sediadas. Também classifica como prioritárias a criação e implementação do parque tecnológico, a proteção da propriedade intelectual e a continuidade do programa de empreendedorismo.

Secretário do Patrimônio Histórico:
Christoph Bernasiuk

Reempossado no cargo, Christoph Bernasiuk ingressou na UFRGS em 1976 através do Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos (ICTA), atuando 12 anos na direção desta unidade e instituindo o curso de Engenharia de Alimentos. A meta da Secretaria para a gestão é concluir as restaurações em andamento, os prédios do Castelinho, da Engenharia Velha e da Agronomia, e realizar as que faltam: os prédios da Medicina e do Instituto de Química. Para as obras, já estão sendo estabelecidas as parcerias. Ainda dependem de viabilização de recursos os trabalhos previstos para os institutos Parobé e Eletrotécnico.

Secretário de Relações Institucionais e Internacionais:
Paulo Gilberto Fagundes Visentini

Graduado em História e pós-doutorado em Relações Internacionais, Visentini é professor dos cursos de Graduação e Pós-graduação em Relações Internacionais e coordena o Núcleo de Relações Internacionais do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados (ILEA). Ele pretende definir junto às unidades da UFRGS as iniciativas determinadas e que não foram englobadas na Secretaria. Pretende aproveitar programas dos ministérios de Ciência e Tecnologia, Educação e Relações Exteriores para estreitar relações acadêmicas com países classificados como prioritários para o Brasil, como África do Sul, Índia, China, Coreia do Sul, Japão e Rússia. Considera que, institucionalmente, já existe uma grande inserção da UFRGS neste sentido. Sua preocupação não será com a quantidade, mas com a qualidade e o retorno desses acordos.

Secretária de Comunicação Social:
Sandra de Deus

É jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria. Especializou-se em política e fez mestrado em Extensão Rural, em Santa Maria. É diretora da Rádio da Universidade, integra a direção nacional do Fórum de Professores de Jornalismo e coordena a Comissão Nacional de Comunicação do Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão. Sandra afirma que a criação de uma Secretaria de Comunicação Social é um passo importante da UFRGS. A primeira ação da Secretaria será o levantamento do que existe na universidade em termos de comunicação social, considerando que em várias unidades existem núcleos que atuam nessa área.

CAMPUS

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Salão e Feira reúnem quase três mil trabalhos do Brasil e da Argentina

FERNANDA SCHNEIDER

O evento, dirigido a bolsistas de iniciação científica que desenvolvem pesquisa com orientação de professor, realizou-se de 25 a 29 de outubro, no Campus Olímpico. Oito trabalhos receberam o Prêmio Jovem Pesquisador e um recebeu o Prêmio Feira de Iniciação Científica.

Participaram do XVI Salão de Iniciação Científica e da XIII Feira de Iniciação Científica 2.829 trabalhos, divididos entre as oito áreas de conhecimento definidas pelo CNPq e expostos em forma de pôster, resumo e apresentação oral. Desses, 1.044 vieram de outras universidades brasileiras e de universidades argentinas.

A comissão organizadora do XVI Salão de Iniciação Científica e da XIII Feira de Iniciação Científica foi composta por cinco técnicos da Pró-Reitoria de Pesquisa e representantes de 32 unidades. E a comissão julgadora foi composta por especialistas de diversas áreas, que assistiram a apresentação de dez a doze trabalhos em cada uma das 29 sessões realizadas em três turnos, manhã, tarde e noite. O Salão também foi acompanhado por representantes do PIBIC e do CNPq e por dez professores convidados, vindos de outras universidades.

Além de visitar o Salão e a Feira, os alunos da UFRGS puderam inscrever-se como ouvintes, recebendo certificado. Embora dirigido aos alunos da graduação, o Salão e a Feira de Iniciação Científica também apresentaram trabalhos de interesse de alunos de escolas de ensino fundamental e de ensino médio, que participaram de visitas programadas.

A escolha do Campus Olímpico para a realização do evento facilitou a apresentação oral, a exibição de pôsters e a realização de atividades culturais ao ar livre. Este ano, houve apresentação de filmes de curta-metragem, esquetes de teatro, música e dança. Com a colaboração de alunos da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), a Rádio da Universidade deu cobertura ao evento.

AGRADÁVEL E PROVEITOSO

Para a vice-pró-reitora de Pesquisa, Marininha Aranha Rocha, o Salão já é um evento grande, embora não tenha protocolo de evento grande. A Pró-reitoria faz questão de que o Salão seja um espaço do estudante, descentralizado e descontraído, desde que se preserve como congresso.



O objetivo do Salão é valorizar a iniciação científica e mostrar como a Universidade trabalha na geração do conhecimento.

“Queremos que o Salão seja um laboratório para estudantes e professores”, disse Marininha. “Quem ainda não participou de um congresso, tem sua primeira experiência dentro da própria universidade. O importante é que seja agradável e proveitoso.”

O agradável esteve por todos os lados no ambiente montado no Campus Olímpico, e o proveitoso se mostrava ao bolsista logo que ele concluía a apresentação diante de colegas, pesquisadores e representantes de outras universidades: além de divulgar sua pesquisa, ao participar do Salão, ele multiplica as possibilidades de obter ou trocar informações, discutir, fazer contatos e ocupar espaços.

A tarefa de avaliar as apresentações mobilizou cerca de 650 professores da UFRGS e de outras universidades. Também sobrou trabalho para os estudantes. Mais de 500 alunos de diversas faculdades (20 deles de fora da UFRGS) colaboraram para a organização do Salão, orientados por professores.

Estudantes criaram o layout do evento, auxiliaram na coordenação de sessões, fizeram pesquisa de opinião, participaram das apresentações culturais e deram cobertura a todos os setores. A identidade visual foi criada por Cristina Ribas, aluna do Curso de Artes Plásticas do Instituto de Artes, que tomou como tema uma maçã em queda, lembrando a fruta que, segundo a lenda, caiu na cabeça do cientista inglês Isaac Newton, desenca-

deando idéias que levaram à formulação da lei da inércia.

POTENCIAL VALORIZADO

Na UFRGS, a iniciação científica é composta por um programa com 1.605 bolsistas, e por um programa de atividades complementares: cinema-pesquisa, teatro-pesquisa, seminários temáticos, cursos de informática e oficinas, com mais de 300 candidatos cadastrados. Durante o evento, oito trabalhos apresentados no Salão e um trabalho apresentado na Feira receberam o Prêmio Jovem Pesquisador, com troféu e certificado, e um recebeu o Prêmio XIII Feira.

Prêmio Jovem Pesquisador

- 1 – Ciências Exatas e da Terra – Stéfano Drimon Kurz Mor
- 2 – Engenharias – Keyla Djanyla Chaves dos Santos
- 3 – Ciências Agrárias – Cristiano Feltrin
- 4 – Ciências Biológicas – Cristiane Matte
- 5 – Ciências da Saúde – Gabriela Savatino Liedke
- 6 – Ciências Sociais Aplicadas – Maria Clara Jobst de Aquino
- 7 – Ciências Humanas – Luciana Fernandes Boeira
- 8 – Linguística, Letras e Artes – Simone Diefendach Borges

Prêmio XIII Feira

- 1 – Rafael de Oliveira

Programação da Sala Redenção

Escola Cidadã é Cultura

Período: 08 a 12/11 (segunda a sexta-feira)
Local: Museu e Sala Redenção
Parceria SMED
Atividade fechada

Aula de Antropologia Audiovisual I

Período: 09/11 (terça-feira)
Horário: 18h30min
Sessão aberta ao público, seguida de aula com a equipe do Navisual.

Milton Gurlan: a visão do fotógrafo (NTSC SP NAVISUAL Cor 1992, 45min) – Vídeo-entrevista que enfoca a índole interdisciplinar da pesquisa, em comum, da fotografia e antropologia, bem como a relação de trabalho entre o fotógrafo e o antropólogo.

Jean Rouch – subvertendo fronteiras (NTSC SP DLVCV/PPGL/CCHLA/UFPB 1999, 19min) – Discussão dos principais temas da obra do cineasta-antropólogo Jean Rouch, do ponto de vista do próprio e de alguns cineastas brasileiros e antropólogos.

História no Cinema para Vestibulando

Data: 13/11 (sábado)
Horário: 13h30min e 17h
Ingressos: comunidade da UFRGS, R\$ 2,00; comunidade em geral, R\$ 4,00

Missing - Desaparecido, de Costa-Gravas (Missing, EUA, 1982, 116min, cor)

Jornalista norte-americano, residente em Santiago, desaparece durante o sangrento golpe militar que derrubou o governo de Salvador Allende. Sua esposa e seu pai iniciam então uma longa jornada em busca de informações sobre o desaparecimento. A medida que avançam, aumentam as evidências do envolvimento do governo americano e da CIA com militares chilenos e a violência do golpe que inaugurou a ditadura do general Augusto Pinochet.

Ciclo Preservação da Vida na Terra

Período: 16 a 19/11 (terça a sexta-feira) - programação paralela à exposição do Museu da UFRGS “Antes dos Dinossauros”

Horário: 16h e 18h30min
Sessão aberta ao público, seguida de debate com convidados.

O dia depois de amanhã, de Roland Emmerich (“The Day After Tomorrow”, EUA, 2004, 124min., cor). Uma série de alterações climáticas modifica drasticamente o planeta, fazendo com que milhões partam rumo ao sul. Porém um cientista decide ir a Nova Iorque, na esperança de que seu filho ainda esteja vivo.

História no Cinema para Vestibulandos

Período: 20/11 (sábado)
Horário: 13h30min e 17h
Ingressos: comunidade da UFRGS, R\$ 2,00; comunidade em geral, R\$ 4,00

Adeus, Lênin, de Wolfgang Becker (“Good Bye, Lenin!”), ALE, 2003, 118 min, cor). Pouco antes da queda do muro de Berlim, uma mulher entra em coma e desperta dias depois, já após a vitória capitalista. Temendo que as mudanças políticas no país agravem seu estado de saúde, seu filho elabora um plano para que ela acredite que tudo continua exatamente como antes.

Sessão dirigida, mas há possibilidade de novos participantes dependendo da lotação da sala.

Projeto Cinema, Pesquisa e Extensão

Período: 22 a 26/11 (segunda a sexta-feira)
Horário: 18h30min
Filme a definir
Sessão aberta ao público, entrada franca, seguida de debate com convidados.

História no Cinema para Vestibulandos

Data: 27/11 (sábado)
Horário: 13h30min e 17h
Ingressos: comunidade da UFRGS, R\$ 2,00; comunidade em geral, R\$ 4,00

Nós que aqui estamos por nós esperamos, de Marcelo Marsaglio (BRA, 1999, 73 min., cor)

Documentário feito inteiramente de material iconográfico do início do século XX (reportagens de jornais, TV, fotografias e filmes antigos) que narra de maneira bastante pessoal a história de alguns personagens reais e fictícios daquela época. O filme-memória discute a banalização da morte e por correspondência direta, da vida. Sessão dirigida, mas há possibilidade de novos participantes dependendo da lotação da sala.

Aula de Antropologia Seminário I

Data: 30/11 (terça-feira)
Horário: 18h30min

Olhos da alma - cantos do coração, de Elisa Maria Cabral (NTSC SP DLVCV/PPGL/CCHLA/UFPB 1999, 19min) – A história de Neginho, poeta cantador e vendedor de folhetos. A literatura de cordel no Nordeste brasileiro é a música das ruas e feiras livres das cidades.

Funk Rio, de Sérgio Goldenberg (NTSC SP Cor 1994, 46min) – A trajetória de um office-boy, um gari, uma empregada doméstica e um dançarino é o fio condutor do documentário, através do qual se revela o universo da juventude que vive nos subúrbios cariocas e adere ao movimento funk.

Sessão aberta ao público, seguida de aula com o Prof. Professor Caleb Faria e a participação das antropólogas Elizabeth Lucas e Liliane Guterres.

Aula de Fotografia e Cinema

Data: 03/12 (sexta-feira)
Horário: 18h30min
Rio de Memórias, de José Inácio Parente (NTSC SP P&B 1992, 33min) – Documentário aborda a história do Rio de Janeiro e da fotografia de 1840 às primeiras

décadas do século XX.

Os carvoeiros, de Nigel Noble (16mm VHS NTSC SP 1999, 52min) – A vida de quem está dentro do carvão, no início da cadeia produtiva do ferro gusa e do aço, que queima a madeira para fazer o carvão vegetal.

Sessão aberta ao público, seguida de aula com o Prof. Luiz Eduardo Achutti e equipe Navisual/Biev.

HISTÓRIA NO CINEMA PARA VESTIBULANDOS

Data: 04/12 (sábado)
Horário: 13h30min e 17h
Ingressos: comunidade da UFRGS, R\$ 2,00; comunidade em geral, R\$ 4,00

Spartacus, de Stanley Kubrick (DVD, EUA, 1960 - 183 min.)

Um escravo do Império Romano organiza uma rebelião contra a opressão dos nobres romanos. As legiões romanas subestimam seus adversários e são massacradas por homens que não desejam nada de Roma, além de sua própria liberdade.

Sessão dirigida, mas há possibilidade de novos participantes dependendo da lotação da sala.

Aula de Antropologia Audiovisual II

Data: 07/12 (terça-feira)
Horário: 18h30min

Dia de Mudança – etnografia filmica, de Ana Elisa de Castro Freitas (NTSC SP KO Cinema/NIIT/ NAVISUAL Cor 2003, 19min) – O documentário registra o cotidiano de um dia de mudança na vida de uma família Kaingang no contexto urbano de Porto Alegre.

A herança dos “tronco velho”, de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Rogério Rosa (NTSC SP BIEV Cor 1999, 30min) – Documentário baseado num parecer antropológico, jurídico e histórico da Terra Indígena Borboleta/R\$/Brasil; apresenta a luta pela terra dos povos indígenas do sul do Brasil a partir da herança de seus antepassados.

Sessão aberta ao público, seguida de aula com as equipes do Nit e Navisual e debate com Ana Elisa Freitas, Rogério Rosa (antropólogos) e membros das comunidades indígenas Kaingang de Porto Alegre.

Aula Temas Antropológicos

Data: 09/12 (quinta-feira)
Horário: 18h30min
Sessão aberta ao público, seguida de aula com o Prof. Carlos Steil.

La sociologie est un sport de combat, de Pierre Carles (NTSC, VHS - SP C-P Productions/VT Films 2001, França, 140min.) – Cinebiografia do sociólogo Pierre Bourdieu realizada a partir de entrevistas desenvolvidas por cientistas e jornalistas e também através de participações do autor em eventos públicos e científicos (em francês sem legendas).

Eventos

MUSEU

Seminário “Um tempo para o tempo”
No dia 29 de novembro, às 19h, no Museu da UFRGS, se realizará o seminário *A Intuição do Instante e o Tempo do Infinito*, que terá como convidados o escritor e patrono da 50ª Feira do Livro de Porto Alegre, Donald Schüller, e o professor Lívio Amaral, com a mediação de Edson de Souza, psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da UFRGS. Inscrições gratuitas no local ou através do telefone 3316-3390.

INSTITUTO DE ARTES

A Pinacoteca Barão de Santo Ângelo apresenta duas obras interativas. Des-Espelho é um sistema de vídeo-vigilância com o qual criam-se simulações especulares, proposto pelo SCIArts, equipe interdisciplinar composta por Fernando Fogliano, Milton Sogabe, Renato Hildebrand e Rosangella Leote. Palavra Proibida tem como centro a instalação de som e vídeo de Marcelo Gobatto e James Correa com fragmentos de textos de diversos autores. Até 11/11, de segunda a sexta, das 10h às 18h, na Rua Senhor dos Passos, 248, 1º andar.

PATOLOGIA DAS EDIFICAÇÕES

Em comemoração aos 30 anos do Laboratório de Ensaios e Modelos Estruturais (Leme), a Faculdade de Engenharia realiza, nos dias 18 e 19/11, no Salão de Atos II, o II Seminário de Patologia das Edificações “Novos materiais e tecnologias emergentes”. As inscrições podem ser feitas até o dia 16/11.

NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

O Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (Cinted) e a Secretaria de Educação a Distância (Sead) promovem de 22/11 a 26/11 o IV Ciclo de Palestras Inovadoras em Tecnologia na Educação: Processos e Produtos. Vagas limitadas. Informações e inscrições: www.cinted.ufrgs.br/ciclo2/

GEOGRAFIA AGRÁRIA

O XVII Encontro Nacional de Geografia Agrária, que se realizará de 11 a 15/11, no Centro de Eventos da UFRGS, em Gramado, já tem 250 trabalhos inscritos e espera reunir mais de 600 participantes, entre geógrafos, professores e estudantes de graduação e pós-graduação. Virão para o XVII Enga palestrantes de diversas universidades brasileiras, além de uma professora de Toulouse, França.

Pós-graduação

AGRONOMIA

O Programa de Pós-graduação em Microbiologia Agrícola e do Ambiente abriu o processo seletivo de mestrado/2005, com 20 vagas. Inscrições até 19/11, de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 13h às 17h, na secretaria do PPGMAA, Av. Bento Gonçalves, 7.712, prédio da Entomologia. CEP 91540-000. Porto Alegre, RS.

ENGENHARIA QUÍMICA

Programa de Pós-graduação em Engenharia Química (PPGEQ). Mestrado: inscrições até 3/12, resultado até 17/12 e início das aulas em 1º/3. Doutorado: inscrição até 4/2, resultado em 11/2. Informações complementares: www.enq.ufrgs.br/dequi/pos

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Os resultados da prova escrita para as diversas linhas de pesquisa dos cursos de pós-graduação em Educação serão divulgados no dia 12/11. Os aprovados poderão fazer a inscrição para a prova classificatória de 16/11 a 24/11, na secretaria do PPGE- DU, no Campus Central.

DESENVOLVIMENTO RURAL

Estão abertas as inscrições para o Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR). As inscrições para o doutorado vão até 3/12, com seleção entre 13/12 e 17/12. E para o mestrado, até 23/12, com seleção entre 10/12 e 14/12. Informações: www.ufrgs.br/pgdr, fone/fax (51) 3316-3281.

ANTROPOLOGIA SOCIAL

Até o dia 17/12 estarão abertas as inscrições para as provas de seleção do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social que serão realizadas em janeiro. Informações pelo telefone 3316-6638.

CIÊNCIAS MÉDICAS

A seleção de mestrado e doutorado em Medicina: Ciências Médicas será feita em duas etapas. Até o dia 12/11 estarão abertas as inscrições para o Exame Fundação Médica através do site www.fundacaomedicars.org.br. Informações pelo telefone (51) 2101-8123. A segunda etapa recebe inscrições até o dia 30/11, na secretaria do PPG (Rua Ramiro Barcelos, 2.400, 2º andar, da 8h às 15h).

ANÁLISE EM GEOGRAFIA

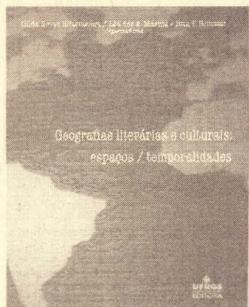
As inscrições para pós-graduação em Geografia, nas linhas de pesquisa Análise Ambiental e Análise Territorial permanecerão abertas até o dia 30/11. Informações: www.posgea.ufrgs.br

CULTURA

Editora da Universidade lança 40 títulos na Feira do Livro

Durante a 50ª Feira do Livro, a Editora da Universidade está lançando 40 títulos nas mais diversas áreas. O Jornal da Universidade destaca aqui sete destes lançamentos e faz um convite aos leitores para que visitem o estande da Editora, localizado na Rua dos Andradas, em frente ao Clube do Comércio, e conheçam os demais títulos. Todos os lançamentos (e outros títulos) podem ser adquiridos também nas Livrarias da UFRGS dos campus Vale e Centro, pelo mesmo preço da Feira, já com os 20% de desconto. Confira aqui as informações sobre as sessões de autógrafos. As resenhas dos livros aqui destacados são de Caroline da Silva, estudante da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades (172 p., R\$17,60), organizado por Léa Masina, Gilda Neves Bitencourt e Rita Terezinha Schmidt.

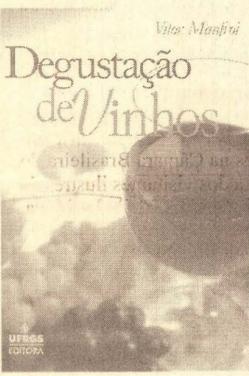


O livro reúne ensaios apresentados e debatidos no colóquio promovido pelo Instituto de Letras da UFRGS e pela Abralic – Associação Brasileira de Literatura Comparada em julho de 2003, no qual foram discutidos os rumos mais recentes das práticas teóricas na área dos estudos literários e culturais. Dos 13 ensaios apresentados destacam-se o do físico José Roberto Iglesias, intitulado “O espaço e suas imediações”, em que o autor utiliza uma prosa leve e pontilhada de associações com outras áreas do conhecimento para falar da infinitude do espaço e da finitude do tempo; e o do cientista político Paulo Vizenini, que analisa as conseqüências da aceleração do processo de globalização e aponta para

uma necessária transformação da sociedade de consumo.

Léa Masina é doutora em Letras pela UFRGS e professora adjunta de teoria da Literatura no mesmo instituto. Gilda Neves Bitencourt é presidente da Abralic, doutora em Letras pela USP, professora adjunta de teoria da Literatura do Instituto de Letras da UFRGS e pesquisadora do CNPq. Rita Terezinha Schmidt é vice-presidente da Abralic, PhD pela Universidade de Pittsburgh (EUA), professora titular de Literatura Norte-Americana do Instituto de Letras da UFRGS e pesquisadora do CNPq.

Degustação de vinhos (127 p., R\$24,00), de Vitor Manfroi.



Louis Pasteur já havia definido o vinho como a mais saudável e higiênica das bebidas, e Vitor Manfroi cita mais uma frase do cientista ao contar que em um rompante de sabedoria o francês afirmou: “Existe mais filosofia em uma garrafa de vinho do que em todos os livros de minha biblioteca”. Um verdadeiro manual sobre a bebida, o livro aponta como patrimônio cultural do Rio Grande do Sul. O mapeamento da produção no Estado, seu histórico, a legislação brasileira, as diferentes classificações e os esquemas de elaboração dos vinhos e espumantes são pontos desenvolvidos pelo enólogo na primeira parte. A degustação em si, a “análise sensorial”, é apresentada na segunda parte. Técnicas e particularidades, tipos de taças e os sentidos envolvidos na prática contam com o auxílio de fotografias e ilustrações. Na terceira parte, dicas de como comprar um vinho, como guardá-lo etc. No fim, um delicioso glossário sobre a bebida bíblica.

Vitor Manfroi é técnico em enologia pela Escola Agrotécnica Federal de Bento Gonçalves, engenheiro agrônomo e mestre em fitotecnia pela Faculdade de Agronomia da UFRGS. Atualmente, é professor de Enologia no Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos – UFRGS, tendo sido chefe do Departamento de Tecnologia de Alimentos. Também membro da Associação Brasileira de Enologia (da qual foi diretor de Degustação e atualmente é diretor de Legislação), da Sociedade Brasileira de Fruticultura, da Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos e da American Society of Enology and Viticulture.

O passado no futuro da cidade: políticas públicas e participação popular na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre (207 p., R\$14,40), de Ana Lúcia Goelzer Meira.



O livro analisa as políticas públicas de conservação e a participação dos cidadãos na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre entre as décadas de 70 e 90. Na década de 60, consolidou-se um “campo de patrimônio”, formado por intelectuais que se manifestavam através da imprensa. Nos 70 institucionalizaram-se as ações de salvaguarda do patrimônio cultural da cidade, com legislações específicas, leis urbanísticas e ações gerais. A autora usa uma citação de George Orwell, na qual afirma que “Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado”. E com esse espírito, constrói sua dissertação, apresentando dados históricos e conceitos ligados à preservação e ao patrimônio. Rica em fotografias de prédios tombados e infográficos com números referentes aos tombamentos inscritos no município, a obra contou com financiamento da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, através do Fumproarte – Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural.

Ana Lúcia Meira é arquiteta formada pela UFRGS, desenvolve atividades profissionais no IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) desde 1983. É especialista em conservação e restauração de conjuntos e monumentos históricos pela UFBA e mestre em planejamento urbano e regional da UFRGS.



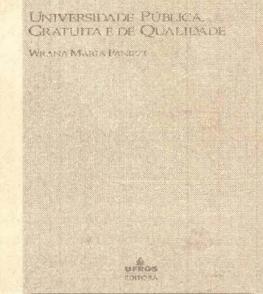
O nazi-fascismo na América Latina: mito e realidade (76 p., R\$9,60), de Hélgio Trindade.

O autor discute se o nazi-fascismo fora da Europa seria uma imitação inferior ou mera reprodução, a presença do nazi-fascismo em países como a Argentina, Peru, Uruguai e Paraguai e sua manifestação no México, Chile e Bolívia. As ditaduras militares e os populismos históricos específicos de cada país são a base da análise de Hélgio para responder se em nosso continente existiram movimentos políticos autenticamente fascistas. No capítulo

de Integralismo. A Aliança Integralista Brasileira reproduziu traços dos movimentos fascistas europeus, sem ser somente uma imitação político-ideológica, significando um caso único na América Latina. A obra fornece uma interpretação do conceito de fascismo e do que pôde ser considerado como um braço seu extra-Europa. Para que se pare de usar o termo fascista para designar algum ato autoritário, o livro traz uma série de esclarecimentos e particularidades deste regime.

Hélgio Trindade é ex-reitor da UFRGS, presidente da Conaes (Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior), professor titular de Ciências Políticas e pesquisador 1A do CNPq. Doutor pela Universidade de Paris I com a tese *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*, São Paulo, DIFEL, 1974 publicada em francês.

Universidade pública, gratuita e de qualidade (180 p., R\$20,00), de Wrana Maria Panizzi.



A ex-reitora da UFRGS concluiu que “a quem exerce uma atividade pública, só dois caminhos se apresentam, a repetição ou a contradição”. Quantas vezes foi repetida, então, a expressão *Universidade pública, gratuita e de qualidade*? Praticamente em todos os pronunciamentos de Wrana Panizzi, seja nas mais de 500 formaturas ou em qualquer manifestação em defesa desta instituição. O livro reúne discursos, entrevistas, palestras e artigos de Wrana durante os seus mandatos na UFRGS. Começa com o pronunciamento na primeira cerimônia de posse e termina com um texto elaborado para o livro em comemoração aos 70 anos da Universidade, onde faz um balanço sobre as duas administrações. Coincidentemente, tanto o texto de abertura, como o de encerramento, tratam do projeto “Universidade Viva”, compromisso que assumiu como reitora de construir uma UFRGS com liberdade acadêmica e autonomia institucional, respondendo sempre às exigências da sociedade.

Wrana Maria Panizzi é professora titular da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, mestre em Planejamento Urbano e Regional, doutora em Urbanismo pela Universidade de Paris XII (Créteil) e em Ciências Sociais pela Universidade de Paris I (Pantheon-Sorbonne). Foi reitora da UFRGS (1996-2004) e presidente da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (1989-1991), da Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (2003-2004) e do Conselho Universitário Ibero-Americano (2003).

Luciana Prass é bacharel em violão e mestra em Educação Musical pela UFRGS. É professora adjunta da Fundarte/Uergs e do Instituto Superior de Música de São Leopoldo. Como musicista, atuou na Camerata Consort de Violões da UFRGS e no Conjunto de Câmara de Porto Alegre. Atualmente participa do espetáculo *Maria vai com as outras*, do grupo vocal D'Quina Pra Lua, com quem gravou CD homônimo.

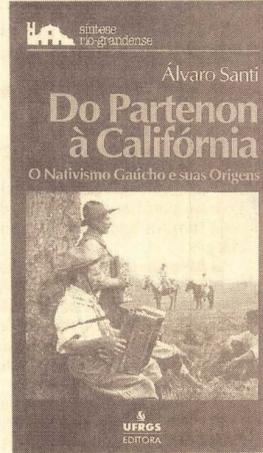
Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia (181 p., R\$28,00), de Luciana Prass.



O livro traz o aprendizado pessoal e musical que a autora obteve acompanhando a “Azul e Branco” Bamba da Orgia é a escola de samba mais antiga de Porto Alegre e foi escolhida para ilustrar esse trabalho de Luciana Prass. Através do convívio *in loco*, ela construiu sua dissertação de mestrado entre os Bambas, num estudo realizado em 1998. A linguagem quase intimista nos coloca em constante contato com o universo mágico de uma escola de samba e transforma a pesquisadora em protagonista de sua narrativa. A experiência etnográfica lida, por si só, já desperta muito interesse; mas pode ser ouvida também no CD que acompanha a publicação, retratando ensaios do sambão na quadra da escola. A obra faz parte da *Série Estudos Musicais* e foi promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS.

Luciana Prass é bacharel em violão e mestra em Educação Musical pela UFRGS. É professora adjunta da Fundarte/Uergs e do Instituto Superior de Música de São Leopoldo. Como musicista, atuou na Camerata Consort de Violões da UFRGS e no Conjunto de Câmara de Porto Alegre. Atualmente participa do espetáculo *Maria vai com as outras*, do grupo vocal D'Quina Pra Lua, com quem gravou CD homônimo.

Do Partenon à Califórnia: o Nativismo gaúcho e suas origens (112 p., R\$ 8,00), de Álvaro Santi



O fenômeno dos festivais nativistas ganha, pela primeira vez em livro, um ensaio crítico com foco nas canções vencedoras da Califórnia da Canção Nativa ao longo das décadas de 70 e 80. Álvaro Santi apresenta resultados da análise das letras dessas canções, além de investigar as origens próximas e remotas do nativismo, desde as primeiras manifestações regionalistas do Partenon Literário (século 19) até o Movimento Tradicionalista Gaúcho, no seio do qual nasceu o ciclo dos festivais que iria revitalizá-lo, a partir de 1971. O autor buscou um olhar isento, evitando ao máximo a polarização simplista entre um ufanismo gaudério e o preconceito que ainda atribui estigma de grossura a esta cultura. O livro é uma versão condensada da dissertação de Mestrado em Letras, concluída em 1999.

Álvaro Santi é bacharel em Música e mestre em Letras pela UFRGS, autor de três livros de poemas, dos quais *Viagens de uma caneta por meus estados de espírito*, de 1992, recebeu o Prêmio UFRGS de Literatura/Troféu Armindo Trevisan. Funcionário da Prefeitura de Porto Alegre, foi coordenador de Música da Secretaria Municipal da Cultura e atualmente gerencia o Fumproarte.

EDITORA DA UNIVERSIDADE/UFRGS
– Avenida Paulo Gama, 110, 2º andar, CEP 90040-060 – PORTO ALEGRE/RS – Telefone (51) 3316.4090 – www.editora.ufrgs.br

AS SESSÕES DE AUTÓGRAFOS

1º de novembro

Políticas públicas e participação social no Brasil rural
Sergio Schneider, Marcelo Kunrath Silva e Paulo Eduardo Moruzzi Marques (Orgs.)
15 horas, Memorial do RS
Comunicação e práticas culturais
Valdir José Morigi, Márcia Benetti Machado e Nilda Jacks (Orgs.)
17 horas, Memorial do RS
Desenvolvimento sustentável & gestão ambiental nas cidades: estratégia a partir de Porto Alegre
Rualdo Menegat e Gerson Almeida (Orgs.)
17 horas, Memorial do RS
Do Partenon à Califórnia: o nativismo gaúcho e suas origens
Álvaro Santi
19 horas, Pavilhão Central

2 de novembro

História e formação de professores no Mercosul/Conesul
Augusto Nivaldo Silva Triviños, Graziela Macuglia Oyarzabal, Miguel Alfredo Orth e Suzana de Souza Gutiérrez
17 horas, Memorial do RS
Escola e Sala de Aula - mitos e ritos: um olhar pelo avesso do avesso
Ivany Souza Ávila (Org.)
19 horas Local da sessão: Memorial do RS

3 de novembro

A fotografia nos processos artísticos contemporâneos
Alexandre Santos e Maria Ivone dos Santos (Orgs.)
15 horas, Memorial do RS

4 de novembro

Democracia, juventude e capital social no Brasil
Marcello Baquero (Org.)
15 horas, Memorial do RS
A organização virtual no espaço cibernético
Carlos Baldessarini Cano, João Luiz Becker, Henrique M.R. de Freitas
15 horas, Pavilhão Central

5 de novembro

Comunidade negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade
Daisy Macedo de Barcellos, Miriam de Fátima Chagas e Mariana Balen Fernandes
15 horas, Memorial do RS
São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e territorialidade
José Carlos Gomes dos Anjos e Sergio Baptista da Silva (Orgs.)
15 horas, Memorial do RS

7 de novembro

Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades
Gilda Neves Bitencourt, Léa Masina e Rita T. Schmidt (Orgs.)
15 horas, Memorial do RS
Populário Sul-rio-grandense de Filologia e Folclore (2.ed.ampl.)
Apolinário Porto Alegre; Lothar Hessel (Reorg.)
Editora da UFRGS e IEL
19 horas, Pavilhão Central

8 de novembro

Leônidas Xausa
Hélgio Trindade (Org.)
16 horas, Pavilhão Central
Os rapazes da RS-030: jovens metropolitanos nos anos 80
Regina Weber
16 horas, Pavilhão Central

9 de novembro

Economia solidária: uma abordagem internacional
Genauto Carvalho de França Filho e Jean-Louis Laville
15 horas, Pavilhão Central
Degustação de vinhos
Vitor Manfroi
16 horas, Pavilhão Central
Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil
Carlos Alberto Steil, Cecília Loreta Mariz e Mísia Lins Reesink
17 horas, Memorial do RS
Adolescência e experiências de borda
Ana Costa, Carmem Backes, Valéria Riilho, Luís Fernando Lofrano de Oliveira (Orgs.)
19 horas, Memorial do RS

11 de novembro

Crescimento econômico e crise na Argentina de 1870 a 1930
Maria Heloisa Lenz
Editora da UFRGS e FEE
15 horas, Pavilhão Central
Ensino particular de música: práticas e trajetórias de professores de piano
Adriana Bozzetto
16 horas, Pavilhão Central
O passado no futuro da cidade: políticas públicas e participação popular na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre
Ana Lucia Goelzer Meira
21 horas, Casa de Cultura Mário Quintana

12 de novembro

A chave do tamanho: desenvolvimento econômico e perspectivas no MERCOSUL
Luiz Augusto Estrella Faria
Editora da UFRGS e FEE
15 horas, Pavilhão Central
O Nazi-fascismo na América Latina: mito e realidade
Hélgio Trindade
15 horas, Pavilhão Central
Estatísticas eleitorais do Rio Grande da América do Sul
Hélgio Trindade e Maria Izabel Noll (Orgs.)
15 horas, Pavilhão Central
Metodologias do ensino em foco: práticas e reflexões
Johannes Doll e Russel Terezinha Dutra da Rosa (Orgs.)
15 horas, Memorial do RS
Capítulos de história do Rio Grande do Sul
César Augusto Barcellos Guazzelli, Fábio Kuhn, Luiz Alberto Grijó, E. Neumann
15 horas, Memorial do RS
Saúde do trabalhador no Rio Grande do Sul: fronteiras possíveis entre universidades, sindicatos e serviços
Álvaro Roberto Crespo Merlo (Org) et al.
17 horas, Memorial do RS

13 de novembro

Universidade pública, gratuita e de qualidade
Wrana Maria Panizzi
15 horas, Pavilhão Central
Informática na Educação: estudos interdisciplinares
Sérgio Roberto Kieling Franco (Org.)
20 horas, Pavilhão Central

14 de novembro

Corpo, Arte e Clínica
Tânia Mara Galli Fonseca e Selda Engelman (Orgs.)
17 horas, Memorial do RS
Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação
Roberto Verdum, Luis Alberto Basso e Dirce Maria Antunes Suertegaray
17 horas, Memorial do RS
Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia
Luciana Prass
18 horas, Pavilhão Central
Tramas da clínica psicanalítica em debate
Carlos Henrique Kessler, Bianca Guaranha Kreisner, Thoya Lindner Mosenha, Cláudia B. Fröhlich et al. (Orgs.)
19 horas, Memorial do RS

50 anos que mudaram Porto Alegre

● **LUÍS AUGUSTO FISCHER***
Professor no Instituto de Letras

A Feira do Livro não foi um lugar pensado para o deleite dos intelectuais mas um espaço físico e temporal para os não-leitores

Nem interessa tanto que ela seja a maior feira de livros a céu aberto de toda a América Latina, ou que receba mais de um milhão de visitantes a cada ano, ou que venda mais de 400 mil livros por edição: o que importa é que a Feira do Livro de Porto Alegre completa 50 literais primaveras de existência neste 2004, permanece funcionando ali mesmo, no Centro antigo da cidade, em plena Praça da Alfândega, e continua sendo o ponto de encontro de todo mundo que gosta de livro e vive nestas redondezas.

1955. Em volta do monumento ao general Osório, que ali está desde 1933, foram montadas meras 14 barracas para a venda de livros. Era uma idéia de Say Marques, jornalista e depois vereador de Porto Alegre, que tinha visto coisa parecida na Cinelândia, Rio de Janeiro, então capital do Brasil. O foco — como se diz hoje em dia — era precisamente o não-leitor, ou melhor, o leitor potencial, o leitor em estado de latência, aquele que não frequentava regularmente livrarias.

(Isso ajuda a pensar sobre a natureza da Feira, inclusive para esclarecer um comentário repetido e sempre equivocado: a Feira não foi nunca um lugar pensado para o deleite dos intelectuais, mas quase ao contrário, um espaço físico e temporal para os não-leitores. Que ela seja também um refrigerio para os leitores contumazes, tanto melhor. A Feira é, assumidamente, para amadores, em todos os sentidos desta bela palavra.)

Imediatamente, os mais prestigiados livreiros e editores da cidade encamparam a idéia. Eram eles Maurício Rosenblatt, Mario de Almeida Lima, Ruy



Velhos tempos: a feira no início dos anos 70

Diniz Neto, Henrique Bertaso, Leopoldo e Nelson Boeck e Edgardo Xavier. O resultado de seu esforço a gente vê agora, do alto de nossos 50 anos.

Era outro o mundo, naturalmente: Getúlio havia entrado para a História apenas um ano antes, Erico Verissimo não tinha concluído seu magistral *O Tempo e o Vento*, os CTGs engatinhavam, instituições culturais como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul e o Instituto Estadual do Livro mal estavam começando a funcionar, e mesmo a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, que tanto orgulho nos dá, tinha poucos anos de vida. Viviam-se o começo da Guerra Fria, que por sinal era quentíssima em várias periferias do planeta, no Sudeste asiático (Coreia, depois Vietnã), na África (a descolonização ganhou força nesta época), e mesmo aqui na pobre América Latina (com a revolução cubana pela esquerda, sucedida por vários golpes de direita em toda parte, incluindo o Brasil).

Mas aquele mundo, o que lá começa, é o mesmo nosso, por outro lado. São 50 anos de ininterrupta vida cultural, simbolizada na Feira. De lá para cá, quanta água passou por baixo da ponte do Guaíba (por sinal, inaugurada em 1958, depois das primeiras Feiras): a Legalidade em 61, o golpe militar

em 64, o recrudescimento do regime em 68, as lutas pela redemocratização, a Anistia em 79, a glória campanha das Diretas Já em 84, o Plano Cruzado em 86, a primeira eleição direta depois do canastrão Jânio (e o consagrado nas urnas seria outro canastrão, Collor), a campanha contra Collor, e FHC, Lula e tudo que isso significou. E a Feira ali, a cada ano retornando, talvez para simbolizar nosso gosto pela conversa à sombra dos jacarandás, na amenidade da primavera.

Dá para lembrar muitas coisas da história da Feira ao largo de 50 anos — tempo até pequeno se pensarmos nas vastas experiências de império, sejam eles o Inca ou o Romano, mas tempo grande para países e regiões de cultura relativamente recente, como é o nosso caso: se Porto Alegre mal tem uns 250 anos de vida regular, 50 querem dizer bastante.

Por exemplo: nem sempre a Feira teve patrono. Para nós hoje é coisa impensável não haver essa figura, ainda mais num ano redondo como este, quando o homenageado é Donald Schüller, professor aposentado da UFRGS. Coincidência ou não, foi só depois do golpe, em 1965, que começou a onda de homenagear escritores nessa con-

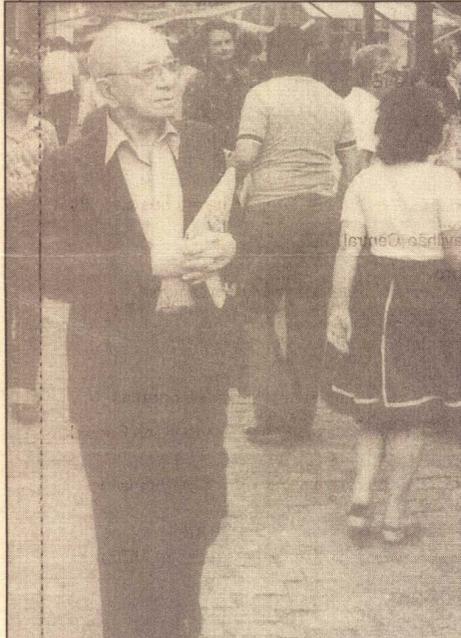
dição. O primeiro da lista foi Alcides Maya, já falecido (em 1944). Aliás, todos os primeiros patronos eram gente da antiga: depois de Maya vieram Simões Lopes Neto, Alceu Wamosy, Francisco Antônio Caldas Júnior e Eduardo Guimarães.

Em 1970 começou outra fase, em que eram escolhidos como patronos escritores ou gente ligada ao meio literário de morte recente. O primeiro foi Augusto Meyer, que faleceu em julho e ganhou a homenagem em outubro; depois dele, Manoelito de Ornelas, Darcy Azambuja, Leopoldo Böeck, Athos Damasceno Ferreira, Erico Verissimo, Henrique Bertaso, Walter Spalding, Adão Juvenal de Sousa, Moysés Vellinho, Reynaldo Moura. Uma seleção para não botar defeito, em matéria de gente ligada à cultura da cidade. Neste tempo, houve duas exceções: em 1972, o patrono foi Camões, porque se comemoravam os 400 anos de sua obra máxima, *Os Lusíadas*, e em 1979 o patrono foi Auguste de Saint-Hilaire, que nascera duzentos anos antes. Nestes anos 70, tanta porcaria aconteceu (como o auge da ditadura militar e o muro da Mauá) que até de lugar quiseram mudar a Feira: em 1974, ela foi arrastada para aquele horroroso calçadão da Rua da Praia. Claro que não deu certo.

Em 1984 começou-se a homenagear gente viva, sendo o primeiro escolhido para tal honraria um sábio livreiro, veterano da Feira, Maurício Rosenblatt. Depois vieram os então vivos Mário Quintana, Cyro Martins, Moacyr Scliar, Alberto André, Maria Dinorah, o professor da UFRGS, historiador e crítico Guilhermino César, depois Luis Fernando Verissimo, PF Gastal, Carlos Reverbel, Caio Fernando Abreu, Lya Luft, Luiz Antônio de Assis Brasil, Patrícia Bins e Décio Freitas. Em 2000, mudou o sistema de escolha, passando a Câmara do Livro a indicar uma nominada de dez escritores, para escolha entre os associados. Começou o tempo dos patronos-deputados, por assim dizer, que começaram a se sentir realmente como representantes dos leitores. E a seleção foi bacana: primeiro Barbosa Lessa, depois o poeta e professor da UFRGS Armino Trevisan, os jornalistas-escritores Ruy Carlos Ostermann e Walter Galvani, este o último passando o mandato para nosso Donald.

Em vista de tanta e tão íntima relação entre a cultura da cidade e a Feira, nem vale a pena lembrar agora que só no Rio Grande do Sul é que existe uma Câmara local do livro (nas outras províncias, os livreiros se sentem suficientemente representados na Câmara Brasileira do Livro), nem que a lista dos visitantes ilustres da Feira inclui até um nobelizado (Camilo José Cela, 1995), ou que nas listas dos mais vendidos costuma haver, nas primeiras posições, autores locais sempre. Basta a gente saber que, começando na última sexta-feira de outubro, a praça da Alfândega vai de novo abrigar as cento e tantas barracas, os milhares de livros, os milhões de olhos leitores.

* *Fischer lança quatro livros nesta Feira: Dicionário de Palavras e Expressões Estrangeiras (L&PM), 50 Anos de Feira do Livro – Vida Cultural em Porto Alegre, 1954-2004 (L&PM), Literatura Gaúcha (Leitura XXI) e Gauderiada – A sabedoria gaúcha em frases definitivas (Artes e Ofícios). Seu livro Dicionário de Porto-Alegres foi o mais vendido nas feiras de 1999 (categoria geral) e 2000 (não-ficção).*



Mario Quintana fazia parte da paisagem

Gismonti e Marlui: chave de ouro no Unimúsica

● **ANIA CHALA**
Jornalista

O histórico encontro musical promovido pela UFRGS encerra em 25 de novembro a série Piano e Voz, que este ano já trouxe 20 grandes nomes da MPB

Para encerrar a série *Piano e Voz* com chave de ouro, o Projeto Unimúsica terá em novembro dois eventos de peso: o seminário "Formação e Informação na Música Popular Brasileira", no dia 24 de novembro, e o show com Egberto Gismonti e Marlui Miranda, no dia 25. O seminário, que teve uma primeira edição no lançamento da série, em janeiro deste ano, contará com as presenças de Gismonti, Marlui e Lorenzo Mammì, com a mediação do crítico musical Juafez Fonseca, do *Jornal da Universidade*.

Lorenzo Mammì, italiano, é formado em Matrérias Literárias pela Universidade dos Estudos de Florença e doutor em Filosofia pela USP. Reside no Brasil desde 1987. Professor de História da Música no Departamento de Música da Universidade de São Paulo desde 1989, também crítico de música e de arte, tem publicado ensaios em livros e na imprensa. Organizou as edições brasileiras de *Vida de Rossini*, de Stendhal, e de *Clássico anti-clássico*, de Giulio Carlo Argan. É autor das monografias *Volpi* (Cosac & Naify, 1999) e *Carlos Gomes* (Folha Explica, 2001). Atualmente dirige o Centro Universitário Maria Antonia, em São Paulo.

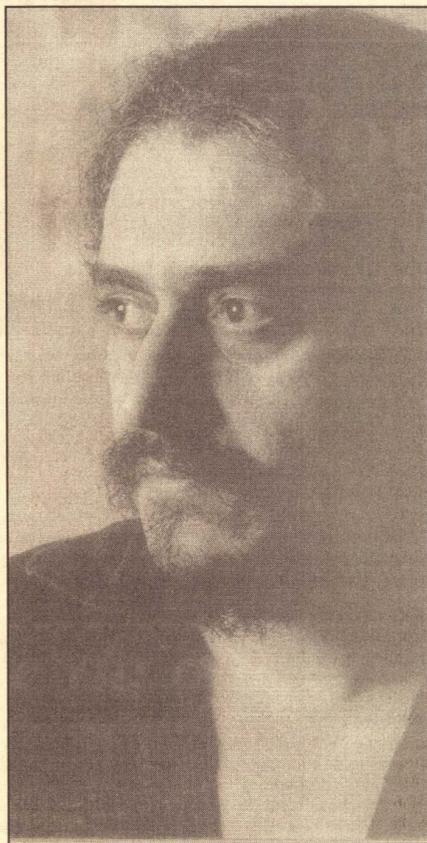
E no dia seguinte à conversa com Mammì e com eles, o público terá Egberto Gismonti e Marlui Miranda no 11º show da série *Piano e Voz* e

um dos mais esperados do ano em Porto Alegre, pois são artistas mundialmente respeitados. Eles se conhecem e admiram desde o início de suas carreiras, nos anos 70. Depois seguiram seus destinos mas nunca perderam o contato. Em anos anteriores já se apresentaram sozinhos no Salão de Atos da UFRGS, mas agora estarão juntos pela primeira vez naquele palco. E por tudo isto o encontro que promete ser histórico.

Um dos mais importantes músicos brasileiros, Egberto Gismonti definiu sua concepção musical nos anos 70, mesclando a formação erudita com pesquisa de novas sonoridades e a música popular brasileira. Compôs para dança, teatro e cinema e tem mais de 50 discos. *Sol do meio-dia* (1978), dedicado aos índios do Xingu, conta com as participações do percussionista Naná Vasconcelos e do saxofonista Jan Garbarek, constantes em sua carreira. Algumas peças do disco *Alma* (1986), como *Palhaço* e *Loro*, tornaram-se grande sucesso de público. Gravando e se apresentando mais no exterior que no Brasil, Gismonti é um mestre.

Cantora, compositora e pesquisadora, Marlui Miranda estuda as tradições musicais dos povos indígenas da Amazônia brasileira há 30 anos e é reconhecida internacionalmente como a maior intérprete de música indígena do Brasil. Gravou e se apresentou com Egberto Gismonti, Gilberto Gil e Milton Nascimento, compôs música para cinema, televisão e teatro. É presença constante em festivais de *world music* nos EUA e Europa. Nos últimos anos, tem sido *artist-in-residence* e professora visitante em universidades dos Estados Unidos.

Agora, atenção: o seminário do dia 24, na Sala II do Salão de Atos, começa às 19 horas e é só chegar. Já para o show do dia 25, no Salão de Atos, também às 19 horas, os ingressos (grátis) deverão ser retirados na bilheteria do Salão de Atos a partir de 22 de novembro, das 12 às 18 horas.



Egberto Gismonti



Marlui Miranda

Léa Fagundes: "A informação está na Internet"

•ADEMAR VARGAS DE FREITAS
Jornalista

Quando tinha quatro anos, a mãe a levou até a janela do quarto para lhe mostrar algo inusitado: o dirigível Zeppelin voando baixo, lento e silencioso pelo céu de Pelotas, rumo a Montevideu e Buenos Aires. Aí começou sua paixão pela tecnologia e pela aventura de aprender e ensinar. Setenta anos depois, maravilhada por estar participando desta época de transformações, Léa da Cruz Fagundes continua trabalhando e estudando, agora como colaboradora voluntária no Laboratório de Estudos Cognitivos do Instituto de Psicologia, que ela própria fundou.

Descrever o que a professora Léa Fagundes já fez em educação exigiria mais que uma página de jornal: dos cursos de extensão a distância através de rádio-amador (quando a informática ainda era questão de segurança nacional) à assessoria do Ministério da Educação; do Projeto Educom a viagens pela América Latina em projetos com a OEA; do intercâmbio do Laboratório de Estudos Cognitivos (LEC) com o Labmedia do MIT (Massachusetts Institute of Technology) aos novos projetos que procuram cada vez mais utilizar o que as tecnologias oferecem.

O primeiro curso de pós-graduação *latu sensu* em educação a distância na UFRGS por Internet foi o do LEC para professores de Costa Rica, em 1994. No LEC, Léa orientou 21 dissertações do mestrado e 5 teses do doutorado em Psicologia do Desenvolvimento, 2 teses do mestrado em Psicologia Social, 5 teses do doutorado PGIE e está orientando mais 8. Também orientou mais de uma centena de bolsistas IC, presencial e a distância.

Sua perspectiva sempre foi abrir as paredes da escola e da universidade para integrar o estudo com a vida social e com o ambiente natural. Seus projetos continuam privilegiando a integração das ciências, a interdisciplinaridade, o uso das tecnologias digitais. "Usamos o computador para alfabetizar as crianças que não aprendem a ler, para melhorar a produção textual, a intuição criativa, a atitude de cooperação, o raciocínio matemático, o raciocínio espacial, tratando ainda os problemas da aprendizagem."

Os projetos também continuam tentando a inclusão digital e a transformação nos sistemas de ensino, oferecendo a pesquisa e a extensão na UFRGS para ajudar o desenvolvimento da inteligência das crianças, o aperfeiçoamento dos professores e o desenvolvimento das comunidades e de seus cidadãos. "Agora a informação não está no livro didático. A informação está na Internet. Só precisamos ter questões, equacionar problemas para aprender a procurar as respostas."

ON LINE

Léa também é presidente da Fundação Pensamento Digital, que fez convênio com a Universidade com o objetivo de recolher computadores usados, reciclá-los e colocá-los nas comunidades. "Antes tínhamos escolinhas de informática e cidadania, agora trabalhamos com a Prefeitura de Porto Alegre, com o Estado e com o Governo Federal na criação de telecentros. Nossa estratégia é formar alunos e pessoas da própria comunidade para ajudarem os outros a usar o computador e a Internet, criando Comunidades de Aprendizagem e usando Plataformas com recursos digitais para interagir e cooperar."

Ela se considera uma pessoa privilegiada: "Assisti ao início da industrialização do Brasil e estou assistindo e participando do início da era da informática. Foi um período muito rico de transformações culturais." E com a visão espiritual que desenvolveu, Léa aprendeu que "cada pessoa é um ser maravilhoso, integrante da energia luminosa do universo e que só precisa se desenvolver".



"O que se quer é uma câmera na mão das crianças, para que fotografem, gravem, editem e coloquem na Internet."

MUÑECA

Ela nasceu em Pelotas a 16 de março de 1930. A mãe vinha de uma família de fazendeiros uruguaios descendentes de espanhóis e italianos. O pai, de uma família de açorianos inicialmente assentados em Laguna (SC). "Meu pai, que era artesão e apaixonado por literatura, costumava me chamar a atenção para as belezas da cor, do perfume e da maciez da madeira. Minha mãe era estilista de moda, muito criativa. Ambos me deram bastante liberdade de escolha."

Léa aprendeu a ler, antes dos 4 anos de idade, observando os catálogos do Magazine London-Paris que a mãe mandava vir de Montevideu. Encontrava a figura de uma boneca e a palavra "muñeca". Aprendeu a ler em espanhol. Os irmãos se entusiasmavam ao vê-la encantada também com as histórias da Bíblia, que tentava ler.

Aos 7 anos, Léa ingressou na escola. No ano seguinte, pediu para ser matriculada logo na quinta série. A mãe solicitou à diretora da escola, que achou um absurdo. Mas, a menina não desistiu, pediu para ser testada e, da segunda, conseguiu pular para a quarta série. Até hoje, ela questiona o que chama de "formalismo do ensino" e os fundamentos dos critérios para vincular idade e série.

Aos 15 anos fez prova de seleção para a primeira turma de normalistas do Instituto de Educação Assis Brasil. A mãe tentou demovê-la. O Brasil iniciava a arrancada para a industrialização, e ela poderia estudar Engenharia em São Paulo, onde tinha familiares. Mas o que ela queria mesmo era ser professora.

Sempre vinculando a teoria à prática, começou a alfabetizar adultos: a Prefeitura de Pelotas colocava os equipamentos, o quartel do Corpo de Bombeiros cedia o espaço e ela entrava com o conhecimento e a dedicação. Uma mocinha ensinando adultos, inclusive meninos de rua? O comandante dos Bombeiros colocava um soldado de plantão na sala de aula. A experiência exitosa durou um ano e meio.

Léa diversificava seu trabalho buscando a integração da teoria com a prática. Começou aos 16 anos num projeto de supletivo para preparar adultos jovens para o exame de admissão. Inspirada no trabalho da professora estadunidense Anne Sullivan, que recuperou Hellen Keller, cega, surda e muda, desafiava seus alunos a descobrir formas, cores, sons, ritmos, luzes: "Quando saírem do serviço, parem um pouco para observar o movimento das ruas, a variedade e as expressões dos rostos das pessoas, vejam a natureza, sintam a brisa, olhem o céu. Depois descrevam isso em suas redações". E produziam bons e lindos textos. Muitos deles cursaram Artes, Direito e Agronomia, cursos existentes na Universidade Pública local.

Hoje, viúva (a grande dor de sua vida) e com mais de 55 anos de magistério, Léa continua achando que ser professor é a profissão mais linda que existe. "Tenho três filhas médicas e vejo que na medicina se trabalha com a dor e com o sofrimento. Mas o professor trabalha com a vida que desabrocha com a aventura de aprender. Que alegria quando se consegue fazer descobertas, compreender o que não se compreendia!"

O amor a distância e o sonho de entrar para a UFRGS

Ela sempre estudou e trabalhou em escola pública, e queria estudar na UFRGS. E realizou esse sonho ao encontrar o amor de sua vida. Numa viagem a Porto Alegre, conheceu Alcyone Moraes Fagundes, estudante de São Borja que trabalhava com crianças nas vilas da Capital através do Movimento da Juventude Espírita, tal como ela fazia em Pelotas. Ele tinha 20 anos e ela 18 quando iniciaram uma experiência de comunicação a distância durante quase três anos. Casaram em 1951 e tiveram sete filhos: Alethea, Duali, Cibele, Themis, Airton, Anahy e Marcelo (todos estudaram na UFRGS). As cartas de amor se conservam até hoje, guardadas pelas filhas.

Léa fez vestibular para Letras Clássicas e foi aluna de Elpídio Paes e Guilhermino César. Quando começou a fazer o curso, sua primeira filha já havia nascido, e ela estava grávida da segunda. Foi obrigada a levar Alethea para a aula e acabou tendo que interromper o curso. Mas procurou a formação em Educação Infantil e, em sua sala, as crianças de 4 a 6 anos viviam a experiência de ajudar a cuidar de bebês. Muitas vezes sofreu repreensões de supervisoras da SEC por incluir alunos de diferentes idades nas atividades criativas.

Voltou a estudar na Universidade em 1967, ano em que a UFRGS realizou o primeiro vestibular integrado. Resolveu fazer o Curso de Pedagogia, apesar de ter sido aprovada para o Curso de Matemática. Sua paixão era fazer ciência: "Estávamos no auge do determinismo científico. Eu queria pesquisar e provar que era possível o desenvolvimento da inteligência de qualquer criança."

Nessa época, trabalhava no Instituto de Educação General Flores da Cunha, no Laboratório de Matemática. Era um laboratório excelente, criado pela professora Odila Barros Xavier. Tinha até um armário fechado a chave com toda a coleção do Jean Piaget em francês. A filha menor, Anahy, ficava no colo, entretida com um brinquedinho, enquanto a mãe lia Piaget. Em 1970, foi para o Colégio de Aplicação (CAP), escolhida pela diretora Graciana Pacheco, que se constituiu em sua mentora. No Aplicação havia as melhores condições, e as pesquisas e experiências permitiram fazer comparações entre o paradigma behaviorista e a proposta do construtivismo da Epistemologia Genética.

Além disso, o clima de estudos e a par-



Léa guarda com carinho o primeiro computador, montado numa época em que era proibido importar

ticipação dos professores eram extraordinários. E as práticas ofereciam suporte para os estudos das disciplinas recém-criadas no Curso de Pedagogia, que Léa já assumira por concurso de ingresso como Auxiliar de Ensino: Metodologia de Ensino de 1º Grau e Prática de Ensino de 1º Grau, no Departamento de Ensino e Currículo da Faced.

Em 1971, uma nova Reforma do Ensino: no 1º Grau, nas quatro primeiras séries, o currículo seria por atividades, mas nas quatro últimas seria por áreas de conteúdos afins. Como integrar Ciências e Matemática no ensino se as licenciaturas eram completamente desvinculadas entre si? Era uma questão difícil de resolver.

Com as professoras Isolda Paes, Dinorá Fraga da Silva e Wilma Tijboj, organizou o Laboratório de Metodologia e Currículo, no DEC, que passou a desenvolver estudos e pesquisas sobre as três áreas curriculares: Ciências e Matemática, Comunicação e Expressão, e Estudos Sociais. Mas a grande questão era a proposta de interdisciplinaridade.

Para integrar seu primeiro Projeto no Laboratório, Léa convidou os profes-

res responsáveis pelas disciplinas de Práticas de Ensino: Rolando Axt, de Física, Cícero Teixeira, de Biologia, Ático Chassot, de Química. Não encontrando disponibilidade na Licenciatura em Matemática, convidou a professora Esther Grosi, a quem havia ajudado a fundar o Grupo de Estudos sobre Ensino da Matemática no Laboratório do Instituto de Educação. Os bolsistas IC eram alunos das primeiras turmas do recente Curso de Psicologia e começavam a estudar com Léa "Problemas de Aprendizagem" e "Desenvolvimento da Inteligência".

No então Departamento de Psicologia do IFCH, a professora Odair Peruggini de Castro estava coordenando a implantação do Curso de Psicologia e convidou Léa para um primeiro seminário com o Dr. Antonio M. Battro, de Buenos Aires, recém-chegado de Genebra, do Centro Internacional de Epistemologia Genética.

A convite de Tamás Varga, da Hungria, foram a um encontro para 30 pessoas na Università degli Studi, em Roma, para discutir Integração Interdisciplinar. "Fui lá para saber como é que eles pensavam integrar ensino de ciências e de matemática e eles estavam estudando Pia-

get. Mas os norte-americanos estavam fazendo behaviorismo, que é uma engenharia de condicionamento do comportamento humano, e se aplicava à Era Industrial e ao treinamento dos exércitos."

Léa considera que transpor esse modelo para a educação tem sido um equívoco. Os professores faziam o maior esforço, mas a criança que tinha dificuldades continuava sem entender. "Se a pessoa tem inteligência, por que não consegue aprender? Então, comeci a fazer projetos baseados em Piaget. Ele desenvolveu a Epistemologia Genética e explica como é que a pessoa raciocina, como é que percebe, como é que funciona a memória e como se aprende a gostar de aprender, de um modo sistêmico perfeitamente apropriado à concepção de redes de comunicação."

Nesse momento, com apoio da professora Odair, Léa organizou o Grupo de Estudos Cognitivos (LEC), sob a orientação do Dr. Battro e começou, como voluntária, a desenvolver na Psicologia pesquisas para aprofundamento dos estudos em Epistemologia e Psicologia Genéticas. O GRECPA organizou seis Simpósios Brasileiros de Psicologia Cognitiva, de 1973 a 1979, com outros GRECs na USP/SP, USP/Ribeirão Preto, Unesp, UFPA e FGV/RJ, publicando quatro números da Revista de Estudos Cognitivos.

Foram criados três projetos envolvendo a Secretaria Estadual de Educação, a Secretaria Municipal de Educação, as escolas e os professores. Léa sempre preparava os supervisores pedagógicos das secretarias sobre o que se colocava em prática no Colégio de Aplicação. Era importante que autoridades educacionais não criassem obstáculos, pois não costumam permitir que se façam trabalhos diretamente com os professores. "Eu até levava a professora de teatro para fazer laboratório de expressão corporal para ver se baixava a resistência em aprender Matemática", conta Léa.

"O LEC teve origem naquele grupo de estudos cognitivos que fundei em 1973 com a orientação de Antonio Maria Battro. Eu fui algumas vezes a Genebra, estudei algumas coisas com Piaget, mas não pude fazer curso regular com ele. Naquela época o pós-graduação era incipiente, não sabia recorrer às agências financiadoras, e eu tinha muitos filhos para cuidar. Então, a gente convidava pessoas que vinham de lá a nos ajudar."

UMA REVOLUÇÃO

"Nasci no tempo da galena. Meu pai botava a galena no ouvido e nós ficávamos à volta dele querendo saber o que estava escutando. Depois ele comprou um rádio que tinha caixa de madeira e alto-falante coberto de tecido. Sintonizávamos o Rádio Nacional: a onda ia e vinha, e a gente demorava para ouvir. Agora estou na Internet. Coloca-se a microcâmera sobre o monitor e fica-se conversando com pessoas que estão a milhares de quilômetros de distância, ouvindo a voz e vendo a imagem. É uma revolução!"

O PRIMEIRO COMPUTADOR

"Durante a ditadura militar, informática era questão de segurança nacional, e a importação de computadores era proibida. Durante um mês, eu e um aluno do Curso de Especialização na Teoria de Piaget, o médico Paulo Roberto Mosca, fomos todas as noites na casa do engenheiro José Medeiros, professor do Instituto de Física, até convencê-lo a montar em sua garagem um modelo de micro. O professor Ferraz, na época pró-reitor de Planejamento, autorizou a compra de um televisor colorido, que serviria de monitor. Em 1979/1980 começamos a trabalhar com nosso próprio computador."

NOVA ATITUDE

"Em 1926, Piaget escreveu que a função da educação era educar para a solidariedade internacional, mas faltava ferramenta. Eu acho que a Internet é essa ferramenta, e a educação a distância tem que ser para isso. Só não podemos levar para a educação a distância a rigidez da sala de aula, do conteúdo programático, do professor mandar repetir. Temos que ter a atitude do pesquisador para desenvolver novas habilidades."

PROJETO AMORA

"Com o Projeto EducaDi, eu, já aposentada, voltei ao Colégio de Aplicação, consegui um laboratório e computadores no MEC, e toda a rede da Universidade ficou à disposição. Então, os 18 professores que se engajaram deram início a um projeto totalmente revolucionário, o Projeto Amora. Quando as crianças criam páginas na Internet, criam um link para se apresentar: 'Somos os pesquisadores do Projeto Amora'. Eu fico tão feliz! Porque são crianças de 10, 11 anos que se sentem pesquisadoras, o que lhes dá auto-estima e provoca uma nova atitude frente à informação, o conhecimento e a aprendizagem."

CARROÇA VELHA

"Nos EUA há experiências excelentes, mas o sistema não mudou. No Vale do Silício, Califórnia, visitei a Sun e também escolas que usam computadores que ela produz, com um novo sistema em que um servidor substitui os CPUs dos diversos monitores. Quando nos reunimos para trocar idéias eu disse: 'Vocês têm um foguete espacial, só que ele está puxando uma carroça velha'. Eles reagiram: 'A senhora está enganada, o nosso servidor não é uma carroça velha'. E eu retruquei: 'Não, o servidor de vocês é um foguete espacial, a carroça velha é o modelo de aula que está sendo dado com esses computadores'. No aeroporto, um representante da Sun me informou que os diretores tinham resolvido doar ao LEC equipamentos no valor de 100 mil dólares."

METIDA MESMO

"Na luta para introduzir a informática na sala de aula, tenho enfrentado alguma resistência, tenho sido contestada. Chego na escola e tenho convidado o professor para usar o computador nas aulas de Ciência e Matemática. 'Ah, professora, só se a senhora demonstrar como se faz.' E eu vou. Sou metida mesmo. Uma vez, sentada com os alunos diante do computador, uma criança me saiu com esta: 'Puxa, nunca vi uma professora tão velha!'. As professoras estavam se aposentando com menos de 50 anos."

DESEJO E ENCANTAMENTO

"Ninguém sustenta o esforço do aprender se não estiver encantado, desejando aprender. Como é que um professor pode ajudar uma criança a se desenvolver se ele não sabe como funciona o pensamento dela nos diferentes momentos do desenvolvimento, nem como funciona o próprio pensamento quando ele está interagindo? Se produz o que lê nos livros mas não pratica a pesquisa na formação da licenciatura, é um produtor e vai querer que a criança reproduza. Mas, se muda a maneira de aprender e entra na pesquisa, ele é um produtor de conhecimento e vai ajudar os alunos a construir conhecimento. A mudança no ensino é fundamental."

RÁDIO-AMADOR

"Professores do Uruguai e da Argentina vinham observar nossos estudos. Então, buscando conexões em rede decidimos usar o rádio-amador. Foi a primeira experiência em educação a distância na UFRGS, aqui no LEC, em 1988, usando *radio-packet*. Conectava crianças de Novo Hamburgo com crianças de Caxias do Sul, de Porto Alegre e até de outros países. Essas experiências foram apresentadas no Exterior e acompanhadas por professores dos Estados Unidos e da Europa."

NOVO HAMBURGO

"Em 1984, UFRGS, UFPE, UFRJ, UFMG e Unicamp foram selecionadas para o Projeto Educom, integrando as equipes da Faced, professora Lucila Santarosa, CPD, professora Magda Bercht e o LEC. A professora Liane Tarouco havia recebido o prêmio nacional pelo *software* educacional Caimi. Em Novo Hamburgo o LEC formou professores e assessorou a Semec, durante 15 anos, sem custos, dentro dos projetos do MEC. Novo Hamburgo foi o primeiro município do Brasil a usar o computador em escolas públicas. Até hoje é uma cidade pioneira em inovações curriculares documentadas e avaliadas."

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

"Desde 2000, o LEC, em parceria com a Faced e com o Instituto de Matemática, tem oferecido uma seqüência de cursos em EAD, extensão e especialização para professores de diferentes Estados, contando com uma preciosa equipe interdisciplinar de pesquisadores egressos de nossos programas de pós-graduação, liderados por Rosane Aragão de Nevado, da Faced; Marcus Vinícius de Azevedo Basso, do Instituto de Matemática; e Cleci Maraschin, do Instituto de Psicologia. Nossa equipe se enriquece com a permanente colaboração de outros docentes, de mestrandos, doutorandos e grande número de estudantes de graduação."

UM OUTRO MUNDO

"Em novembro estamos indo a Manaus. As crianças e os jovens estão lá, na beira do rio, com os pescadores, fazendo projetos sobre o Amazonas. O que me interessa é que a comunicação fique mais rápida, que o governo apóie e que se faça isso por satélite, por rádio, porque por telefone é muito caro. E que as crianças se comuniquem com o mundo, porque, desde que estejam conectadas já começam a falar inglês. É um outro mundo e eu me sinto feliz por estar participando."